

A Besta da Terra

Os Estados Unidos da
América na Profecia

14

**ESPÍRITO
DE PROFECIA**

Parceria
duradoura

23

BIOGRAFIA

Anna Knight

27

**GRAVADO
NA PEDRA**

Os grandes
terremotos
da Judeia

PUBLICADORA SERVIR
JUNHO 2026
N. 949 | ANO 87



“Eis que cedo venho.” A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

PROJETO GRÁFICO **Joana Areosa**

DIAGRAMAÇÃO **André Carrolo Fernandes**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S.A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo**
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
CAFILESA – SOLUÇÕES GRÁFICAS, LDA.
VENDA DO PINHEIRO

TIRAGEM **4700 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

junho

D	S	T	Q	Q	S	S
31	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>	6
7	[8]	<u>9</u>	<u>10</u>	<u>11</u>	<u>12</u>	13
14	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	<u>18</u>	<u>19</u>	20
21	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	<u>25</u>	<u>26</u>	27
[28]	[29]	<u>30</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

6 BÊNÇÃO DE FINALISTAS

7 FORMAÇÃO SAL

13 DIA DE ÊNFASE DOS
MINISTÉRIOS DA MULHER

20 SÁBADO GLOBAL DOS
REFUGIADOS

20 ENCONTRO *ONLINE*
ACOLHIMENTO E RECEÇÃO
(MINISTÉRIO DA MULHER)

26-28 ENCONTRO NACIONAL
DE MÚSICOS

29 VIGÍLIA NACIONAL
DE ORAÇÃO *ONLINE*

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 UNIÃO PORTUGUESA (PTU)

8-12 UNIVERSIDADE ADVENTISTA
DE FRIEDENSAU (EUD)

15-19 UNIÃO ITALIANA (ITU)

22-26 EDITORA SAFELIZ (EUD)

29/6-3/7 UNIÃO SUL DA ALEMA-
NHA (SGU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[8] SEGUNDA-FEIRA

[29] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[28] DOMINGO

julho

D	S	T	Q	Q	S	S
28	29	30	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	4
5	[6]	<u>7</u>	<u>8</u>	<u>9</u>	<u>10</u>	11
12	[13]	<u>14</u>	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	18
19	<u>20</u>	<u>21</u>	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	25
26	<u>27</u>	<u>28</u>	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>31</u>	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

4 CONGRESSO INTERCULTURAL

5 FORMAÇÃO SAL

9-12 ACNAC REBENTOS

19-26 ACNAC TIÇÕES

27 VIGÍLIA NACIONAL
DE ORAÇÃO *ONLINE*

26/7-2/8 ACNAC EXPLORADORES

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

6-10 ASSOCIAÇÃO DO SUL DA
FRANÇA (FBU)

13-17 CASA PUBLICADORA
ROMENA (ROU)

20-24 CASA PUBLICADORA
WEGWEISER (ATU)

27-31 INSTITUTO TEOLÓGICO
SAZAVA (CSU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[6] SEGUNDA-FEIRA

[13] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

*Quando a fidelidade
é posta à prova*

05

TEOLOGIA

A Besta da Terra

*Os Estados Unidos da América
na profecia.*

14

ESPÍRITO DE PROFECIA

Parceria duradoura

*O legado conjugal de
James e Ellen White.*

19

BÍBLIA

Da negação à conversão

*O que podemos aprender
com a queda de Pedro?*

23

BIOGRAFIA

Anna Knight

*Ao serviço de Deus contra
todas as adversidades.*

27

GRAVADO NA PEDRA

Os grandes terremotos da Judeia

*Provas arqueológicas
das catástrofes sísmicas.*

32

OLHOS NOS OLHOS

Cláudia Dias

*Uma vida em que
um gesto vale mil palavras.*

37

HISTÓRIA ADVENTISTA

O relacionamento entre Clarence Rentfro e Robert Moreton – Parte II

Uma amizade ameaçada.

41

HERÓIS DA BÍBLIA

Josias

*O rei que teve coragem
de fazer o que é certo.*

44

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

Como está a saúde adventista em Portugal?

Um ponto da situação.

48

PÁGINA DA FAMÍLIA

Quem está no centro?

*Uma rosa dos ventos
para a família.*

50

NOTÍCIAS NACIONAIS





EDITORIAL

Pr. José Lagoa
Presidente da UPASD

Quando a fidelidade é posta à prova

Há momentos na História em que os acontecimentos parecem acelerar. Mudanças políticas, transformações sociais, avanços tecnológicos e novas formas de influência moldam rapidamente o mundo em que vivemos.

A profecia bíblica mostra-nos que o Tempo do Fim será também marcado por escolhas profundas – não apenas escolhas políticas ou religiosas, mas escolhas de fidelidade.

Jesus declarou: *“Quem é fiel no pouco também é fiel no muito”* (Lucas 16:10).

Talvez a grande preparação para os acontecimentos finais não aconteça apenas quando surgem grandes crises, mas muito antes, nas pequenas decisões diárias: Na honestidade quando ninguém observa; na perseverança espiritual quando o entusiasmo desaparece; na fidelidade à Palavra quando é mais fácil seguir o caminho mais cómodo.

*“Aqueles que negligenciam as pequenas coisas não estarão preparados para suportar provações severas quando estas lhes forem impostas... A vida não é feita de grandes sacrifícios e de conquistas maravilhosas, mas de pequenas coisas.”*¹

Por vezes pensamos no futuro e perguntamo-nos: Estarei preparado para permanecer firme? Mas talvez a pergunta-chave seja: Sou fiel hoje?

Porque a fidelidade não se improvisa em tempos difíceis. Constrói-se lentamente, por escolhas repetidas, feitas no silêncio da vida quotidiana.

As profecias do Apocalipse não foram dadas para alimentar receios ou especulações, mas para fortalecer a confiança em Deus, despertar o discernimento espiritual e preparar um povo fiel. A mensagem final da Bíblia não é de medo; é de esperança. Não é de derrota; é de vitória em Cristo.

O povo de Deus atravessa a História com uma certeza: O mesmo Senhor que guiou os Seus filhos no passado continuará a sustentá-los no futuro.

Vivemos tempos que exigem discernimento – mas exigem ainda mais uma fé viva, uma relação diária com Cristo e uma obediência motivada pelo amor.

“A fim de recebermos os benefícios da graça de Deus, precisamos fazer a nossa parte; precisamos labutar fielmente e produzir frutos dignos do arrependimento.”²

Ao terminar este editorial, deixo-lhe um convite: Estude a profecia, conheça a Palavra, discirna os tempos em que vive. Mas pergunte também: Este conhecimento aproxima-me mais de Cristo? Torna-me mais fiel, mais semelhante a Jesus, mais disponível para servir?

Porque a profecia bíblica nunca teve como objetivo apenas informar-nos sobre o futuro, mas transformar-nos no presente.

Os acontecimentos finais não provarão apenas o que sabemos, mas a quem pertencemos.

E, quando Jesus voltar, que encontre em nós uma fé viva, perseverante e fiel.

1

Ellen G. White, *In Heavenly Places* (Review and Herald, 1967), p. 226.

2

Ellen G. White, *Fé e Obras* (CPB, 2008), p. 41.

A Besta da Terra

Os Estados Unidos da
América na profecia.



Paulo Lima
*Editor da Revista
Adventista*

Introdução

Em 19 de maio de 1851, o jovem Pastor adventista John N. Andrews publicou, na revista denominacional *Second Advent Review and Sabbath Herald*, um artigo com o título “Thoughts on Revelation XIII and XIV” (“Pensamentos sobre Apocalipse XIII e XIV”).¹ Neste artigo, ele apresentou, pela primeira vez, a interpretação adotada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre a identidade histórico-escolológica do símbolo apocalíptico conhecido como a “Besta da Terra”, que surge em Apocalipse 13:11-17. Andrews elencou algumas das razões exegéticas e históricas que apontavam para os Estados Unidos da América como a entidade histórica simbolizada pela Besta da Terra. Embora, ao contrário de nós presentemente, ele não fosse conhecedor do percurso histórico ulterior da nação norte-americana, soube apresentar alguns argumentos fortes que servem ainda hoje de âncora para a identificação da Besta da

Terra como o símbolo apocalíptico dos Estados Unidos da América.

Neste artigo, vamos considerar essas razões exegéticas e históricas citadas por Andrews e vamos acrescentar novos argumentos, para mostrarmos como, efetivamente, a identificação da Besta da Terra com os Estados Unidos da América é correta e significativa.

A descrição da Besta da Terra

A visão de Apocalipse 13 foca-se, a partir do versículo 11, na “Besta da Terra”, o segundo aliado do dragão no Tempo do Fim, e na sua criação, a “Imagem da Besta”. Eis a descrição de ambas as entidades, apresentada por João.

“Vi depois outra Besta sair da terra: Tinha dois chifres como um Cordeiro, mas falava como um dragão. Toda a autoridade da primeira Besta, ela a exerce diante desta. E ela faz com que a terra e seus habitantes adorem a primeira Besta, cuja ferida mortal tinha sido curada. Ela opera grandes maravilhas: Até mesmo a de fazer des-



cer fogo do céu sobre a terra, à vista dos homens. Graças às maravilhas que lhe foram concedidas realizar em presença da Besta, ela seduz os habitantes da terra, incitando-os a fazerem uma imagem em honra da Besta que tinha sido ferida pela espada, mas voltou à vida. Foi-lhe dado até mesmo infundir espírito à imagem da Besta, de modo que a imagem pudesse falar e fazer com que morressem todos os que não adorassem a imagem da Besta. Faz também com que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos recebam uma marca na mão direita ou na fronte, para que ninguém possa comprar ou vender se não tiver a marca, o nome da Besta ou o número do seu nome. Aqui é preciso discernimento! Quem é inteligente calcule o número da Besta, pois é um número de homem: Seu número é 666!” (Apocalipse 13:11-18, *BJ*).

Vamos então interpretar o símbolo da “Besta da Terra”. Em Apocalipse 13:11, João esboça as características gerais da Besta que sobe da Terra. Ele adota aqui uma perspectiva com profundidade histórica. De facto, nesta breve descrição histórica da Besta da Terra, há dois momentos diferentes que remetem para duas diferentes fases históricas vividas pela referida Besta: Uma primeira fase, pacífica, em que a Besta da Terra se apresenta a subir da terra com os seus chifres de cordeiro, e uma segunda fase, agressiva, em que a Besta da Terra fala como o dragão.²

Depois, em Apocalipse 13:12 e 13, João passa a descrever as atividades da Besta da Terra no Tempo do Fim,

Podemos concluir que esta personagem escatológica que João introduz aqui é semelhante em poder e intenção à Besta que sobe do Mar, que nos foi apresentada anteriormente.

adotando uma perspectiva inteiramente escatológica. Esta mudança da fase histórica para a fase escatológica é assinalada no texto grego do Apocalipse pela transição que o autor faz do uso de verbos no passado (Apocalipse 13:11) para o uso de verbos no presente (Apocalipse 13:12-17).³

A caracterização profética da Besta da Terra

Começamos, então, por analisar a caracterização profética da Besta da Terra.

João vê surgir da terra “outra besta” (*allos thêrion*). Dado que *allos* significa “outro, mas do mesmo género” e *thêrion* significa “animal selvagem” ou “besta”, podemos concluir que esta personagem escatológica que João introduz aqui é semelhante em poder e intenção à Besta que sobe do Mar, que nos foi apresentada anteriormente (Apocalipse 13:1-10). Trata-se de uma nova potência mundial, mas que também estará ao serviço do dragão. Sendo uma potência distinta da Besta do Mar, ela deve ser identificada fora do território europeu e oriental que esteve historicamente sob a autoridade e o controlo direto da Besta do Mar.

Na verdade, a Besta da Terra surge na arena histórica aos olhos de João



por altura da época histórica em que a Besta do Mar recebe, na sua sétima cabeça, uma ferida mortal (Apocalipse 13:3). A entidade histórica simbolizada pela Besta da Terra estava a ascender no palco geopolítico na época histórica em que a entidade representada pela Besta do Mar era ferida e perdia grande parte do seu poder político e da sua influência espiritual. Assim, a Besta da Terra é uma potência exclusivamente do Tempo do Fim (que, como sabemos, começou em 1798).⁴

A expressão “sair da terra” ou “subir da terra” – no grego, *anabainon ek tês gês* – empregue por João pode ser aplicada para descrever o crescimento lento de uma planta. Assim, em Mateus 13:7, este mesmo verbo é usado para referir o crescimento de plantas (como os espinheiros). A forma do verbo grego usado por João chama atenção para um processo de emergência gradual. João vê a ação em curso ao testemunhar a Besta subir da Terra. Isto aponta para um surgimen-

to pacífico e gradual desta potência. Além disso, a origem da Besta da Terra é descrita em termos positivos. Pois o surgimento da Besta a partir da terra é um aspeto positivo, que aponta para uma caracterização amigável, dado que a “terra” tinha ajudado a “mulher” (*i.e.*, a Igreja) no seu conflito com o dragão (Apocalipse 12:15 e 16), revelando-se uma aliada do povo de Deus. Além disso, o facto de a Besta da Terra não surgir do mar, mas da terra, é uma característica identificativa importante. Pois a terra (*Gê*) é contrastada com o mar (*Thalassa*) em Apocalipse 13. Ora, as “águas” do mar representam, no Apocalipse, “povos, e multidões, e nações, e línguas” (Apocalipse 17:15), pelo que a “terra” deve representar uma área geográfica com uma população reduzida. Portanto, podemos concluir que a Besta da Terra surge numa região geográfica pouco povoada. À partida, é evidente que essa região não pode ser a Europa, a Ásia ou a África. Essa região mundial deverá



ser no Novo Mundo, no Hemisfério Ocidental.

Note-se que a Besta da Terra é caracterizada como tendo “chifres semelhantes aos de um cordeiro”. Esta característica aponta para uma potência relativamente jovem, com um caráter inocente e inofensivo. Com efeito, os seus chifres (símbolos de poder no Antigo Testamento) são apenas os de um cordeiro. Ela exerce uma autoridade benévola sobre o seu povo. O facto de os seus chifres não apresentarem diademas reais, ao contrário do que acontece com os chifres da Besta do Mar (Apocalipse 13:1), indica subtilmente o caráter republicano desta potência. O facto de ela ser dita “semelhante a um cordeiro”, animal que é usado exclusivamente no Apocalipse como símbolo de Jesus Cristo, indica que se trata de uma potência cristã. Muito provavelmente Protestante, uma vez que o Catolicismo, como sabemos, já é representado no Apocalipse pela Besta do Mar sob a égide da sua sétima cabeça.⁵ Portanto, a aparência da Besta que sobe da Terra é positiva, pois ela é descrita em termos que remetem para Cristo, o que sugere um caráter favorável ao povo de Deus.

Portanto, a aparência da Besta que sobe da Terra é positiva, pois ela é descrita em termos que remetem para Cristo, o que sugere um caráter favorável ao povo de Deus.

Entretanto, a dado ponto da sua história, a potência simbolizada pela Besta da Terra deixa de se comportar como um cordeiro e passa a falar como o dragão. Há uma mudança profunda de natureza. O dragão é o símbolo apocalíptico de Satanás (Apocalipse 12:9). Tudo indica que esta mudança de natureza da Besta da Terra ocorrerá quando a Besta do Mar tiver a sua ferida mortal curada. A Besta da Terra passará a ser aliada do dragão e da Besta do Mar na sua luta contra Cristo e contra o povo de Deus. Trata-se de uma data ainda futura, que ocorrerá na fase final do Tempo do Fim.

Finalmente, convém notar que a Besta da Terra é claramente uma potência económica mundial, pois tem o poder de determinar quem pode comprar e vender em todo o mundo (Apocalipse 13:17), e é também uma potência política de alcance mundial, pois tem o poder de condenar à morte os dissidentes que não reconhecem a sua autoridade na Terra (Apocalipse 13:15). Como é evidente, estas duas características foram surgindo no decurso do percurso histórico da Besta da Terra, ainda que surjam claramente indicadas apenas na sua fase escatológica.⁶

A identificação histórica da Besta da Terra

Podemos identificar historicamente a entidade representada pelo símbolo da Besta da Terra? Sim, considerando as indicações que o texto de Apocalipse 13:11 nos oferece. A descrição exegética que fizemos até aqui da Besta da Terra corresponde à descrição histórica dos Estados Unidos da América.

Os Estados Unidos da América estavam em plena ascensão quando o regime papal que dirige a Igreja Católica Romana foi destituído do seu poder em 1798. Foi nessa data que o general francês Louis-Alexandre Berthier prendeu o Papa Pio VI e o levou para o cativeiro, deixando a Igreja Romana sem líder. Ora, os Estados Unidos da América declararam a sua independência em 1776. Em 1783 terminou a guerra revolucionária e foi reconhecida a independência da nação norte-americana pelo Reino Unido. Em 1787 foi elaborada a Constituição, que entrou em vigor em 4 de março de 1789. Assim, por volta de 1798 podia dizer-se que os Estados Unidos da América estavam no início da sua gradual e pacífica ascensão na arena geopolítica. Eram uma potência ainda jovem, que surgia num território novo e relativamente despovoado, tal como era a América do Norte no Hemisfério Ocidental durante o século XVIII. Território que foi sendo desbravado e dominado gradualmente, mas sem necessidade de se vencer outra nação civilizada já estabelecida, a fim de lhe ocupar o espaço vital. Os Estados Unidos da América também escolheram constitucionalmente a

Hoje, os Estados Unidos da América são a primeira potência mundial em termos económicos, culturais, políticos e militares.



forma política republicana e são desde sempre uma nação maioritariamente cristã Protestante.

Hoje, os Estados Unidos da América são a primeira potência mundial em termos económicos, culturais, políticos e militares. Como potência mundial democrática maioritariamente cristã, têm sido admirados pela sua política de tolerância religiosa e pelos seus princípios políticos moderados sustentados na sua Constituição. Os Estados Unidos da América têm, hoje, uma influência decisiva na agenda e na cena mundiais. Mas a dado ponto da sua história futura, os Estados Unidos da América irão mudar a sua natureza e passar a falar como o dragão (*i.e.*, como Satanás). Entramos aqui na fase escatológica da Besta da Terra, símbolo dos Estados Unidos da América. Como “falam” as nações? Promulgando leis. Assim, o Apocalipse prevê claramente que os Estados Unidos da



América vão emitir leis que revelarão o espírito perseguidor de Satanás, impondo os princípios religiosos falsificados defendidos pela Besta do Mar no Tempo do Fim.

Vejamos, então, em pormenor a atividade da Besta da Terra – os Estados Unidos da América – no Tempo do Fim, tal como é descrita em Apocalipse 13.

As atividades escatológicas da Besta da Terra

Com a transição, no texto grego, do uso de verbos no passado para verbos no presente, João assinala a transição, na sua exposição, do tempo histórico para o tempo escatológico. Em Apocalipse 13:12 e 13, ele começa a descrever as atividades escatológicas da Besta da Terra.

Fica claro que a Besta da Terra desempenhará um papel-chave no drama da crise final. A autoridade persegui-

dora da Besta do Mar – que tinha sido exercida por ela coercivamente durante os 42 meses proféticos, isto é, os 1260 anos de domínio político-religioso (Apocalipse 13:5-8) – será exercida mundialmente pela Besta da Terra em favor da primeira besta no Tempo do Fim. A Besta da Terra porá em prática o seu poder e a sua autoridade usando as duas estratégias empregues também pela Besta do Mar ao longo da sua história: O engano (Apocalipse 13:13 e 14) e a coerção (Apocalipse 13:15-17). Assim, a Besta da Terra agirá como uma potência mundial opressora no Tempo do Fim. Tendo sido curada a ferida mortal que retirara o poder coercivo político-religioso à Besta do Mar, a Besta da Terra fará com que a Humanidade adore a Besta do Mar.

Portanto, João prevê que os Estados Unidos da América irão associar-se política e religiosamente com a Igreja Católica Romana no Tempo do Fim, usando o seu poder mundial para endossar a autoridade religiosa do papado. A Igreja Romana terá recuperado, entretanto, o seu pleno poder político e a sua plena autoridade religiosa em todo o mundo, graças ao auxílio prestado pelos Estados Unidos da América.

A Besta da Terra também fará sinais milagrosos para enganar as nações da Terra, incluindo fazer descer fogo do céu à vista dos homens, como o profeta Elias fez no Monte Carmelo para provar que *Iahweh* era o verdadeiro e único Deus (I Reis 18:36-39). O objetivo parece ser “provar” que as doutrinas e a autoridade religiosa da Besta do Mar, promovidas pela Besta

da Terra, têm o respaldo divino. Pretende-se “provar” que a Besta da Terra e a Besta do Mar representam o verdadeiro Deus e que Deus apoia o seu programa político-religioso.⁷ Assim, a Besta da Terra surge como a grande potência enganadora no palco internacional. Por isso, João designa-a no Apocalipse também com o nome de “falso profeta”. Ela é o falso profeta porque exerce o seu poder mistificador operando milagres em favor da Besta do Mar (Apocalipse 16:13; 19:20; 20:10).

Não sabemos ainda claramente que “milagres” serão estes que os Estados Unidos da América irão realizar para convencer a Humanidade a aceitar a autoridade político-religiosa da Igreja Romana dirigida pelo papado. Certo é que, para exercer a autoridade delegada do papado que lidera a Igreja Romana, os Estados Unidos da América terão de entrar na arena religiosa. Isso significa o abandono da neutralidade constitucional face à religião que caracteriza a política de liberdade religiosa seguida desde sempre pela nação norte-americana em obediência

à Primeira Emenda da sua Constituição. Quanto ao grande milagre de fazer descer fogo do céu, há quem pense nos eventos de 1945, em Hiroxima e Nagasáqui, quando os Estados Unidos da América usaram pela primeira vez o seu poder atômico, fazendo “descer fogo do céu sobre a terra, à vista dos homens”.⁸ Não sabemos ainda se voltará a ser usado o poder nuclear pela nação norte-americana.

Conclusão

Para concluirmos, resta-nos dizer que esta interpretação exegética e histórica do símbolo da “Besta da Terra” de Apocalipse 13 tem o apoio hermenêutico do Espírito de Profecia. Ellen G. White, sobretudo a partir de 1875, ratificou e adotou esta identificação da “Besta da Terra” com os Estados Unidos da América.⁹ Na verdade, tal identificação é uma das colunas em que assenta a previsão profética que ela faz do cenário do Tempo do Fim. Assim, estamos em terreno firme quando aplicamos a profecia de Apocalipse 13:11-17 aos Estados Unidos da América.

¹ John N. Andrews, “Thoughts on Revelation XIII and XIV”, *Second Advent Review and Sabbath Herald*, Vol. 1, nº 11, 19 de maio de 1851, pp. 81-86.

² C. Mervyn Maxwell, “The Mark of the Beast”, in Frank B. Holbrook (ed.), *Symposium on Revelation – Book 2: Exegetical and General Studies* (Daniel and Revelation Committee Series, vol. 7), Silver Spring, MD: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1992, p. 99.

³ Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002, pp. 413, 419.

⁴ Uriah Smith, *The Prophecies of Daniel and the Revelation*, Hagerstown, MD: Review and Herald, rev. ed., 1972, p. 573. Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, p. 422. Ranko Stefanovic, “Revelation”, *Andrews Bible Commentary*, International Edition, Ángel Manuel Rodríguez (ed.), Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2024, p. 1977.

⁵ Uriah Smith, *The Prophecies of Daniel and the Revelation*, p. 581.

⁶ Jacques B. Doukhan, *Secrets of Revelation*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002, p. 118.

⁷ David E. Aune, *Revelation 1-5* (Word Biblical Commentary 52A), Nashville: Thomas Nelson, 1997, p. 759; Edmondo F. Lupieri, *A Commentary on the Apocalypse of John*, Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 2006, p. 209; Grant R. Osborne, *Revelation* (Baker Exegetical Commentary on the New Testament), Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2002, p. 513.

⁸ C. Mervyn Maxwell, “The Mark of the Beast”, p. 99; Richard Lehmann, *Apocalypse de Jean*, Collonges-sous-Salève: Faculté Adventiste de Théologie, 2002, Tome II, p. 81.

⁹ Ver Paulo Lima, “Os Estados Unidos da América na Profecia”, in *Maranatha!*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2025, pp. 193-203.

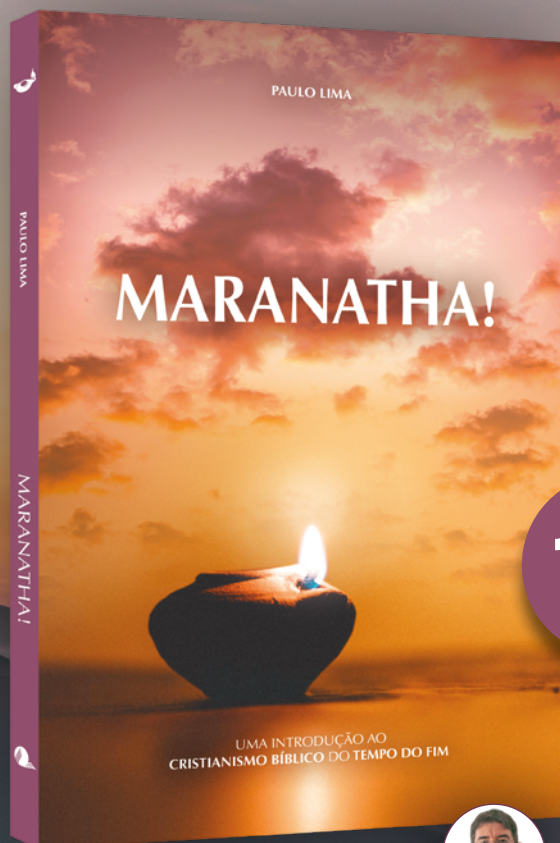


Adquira já!

Mensagem
do autor:



Compre aqui:



AUTOR:
Paulo Lima

12€

"Acredito que Maranatha! vai tornar-se numa obra de referência para quem procura uma compreensão aprofundada das doutrinas bíblicas e uma visão profética abrangente."

– Pedro Esteves, Licenciado em Teologia e Mestre em Liderança.



Gerson Rodrigues
Professor de História Adventista

*Retirado da Revista Adventista
brasileira de abril de 2026.*



Parceria duradoura

O legado conjugal de
James e Ellen White.

Foto: Ellen G. White Estate®

O casamento de James White e Ellen Harmon exemplificou uma união de compromisso espiritual, respeito mútuo, amor e sacrifício pessoal, que se manteve firme diante da pobreza, da doença, do peso da responsabilidade e das diferenças de personalidade. Ambos tiveram um papel essencial no estabelecimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia e estavam profundamente comprometidos com a fé e com o ministério que partilhavam.

Ministério partilhado

James e Ellen conheceram-se em 1845, após o Grande Desapontamento. Apesar do desânimo, mantiveram a fé na vinda iminente de Cristo. James identificou imediatamente o chamado profético de Ellen e decidiu apoiar o ministério dela, juntando-se ao grupo que a acompanhava nas suas viagens. Mas rumores desagradáveis sobre Ellen viajar com um rapaz solteiro chegaram aos ouvidos da sua mãe, que a aconselhou a voltar para casa. A jovem sentiu-se angustiada pelos boatos, pois deixavam triste a sua mãe, manchavam a sua reputação e impediam-na de partilhar as suas visões.

Inicialmente, a expectativa da iminente Segunda Vinda de Cristo não dava espaço para se ponderar o casamento. Mais tarde, James percebeu que poderiam realizar algo maior juntos e pediu Ellen em casamento, cerca de um ano após se terem conhecido. O respeito mútuo e o amor tinham-se intensificado. Assim, eles casaram-se em 30 de agosto de 1846, na cidade de Portland, no Estado do Maine. James tinha 25 anos e Ellen tinha 18. Apesar de jovens, ambos

já tinham tomado as duas decisões mais importantes da sua vida: Seguir a Palavra de Deus e dedicar-se à missão.

Eles começaram a vida conjugal com poucos recursos, mas com a firme convicção de espalhar a mensagem adventista sabatista. “Entramos nesta obra sem um centavo”, lembrou James, “com poucos amigos e com a saúde debilitada.”¹ Ele costumava empenhar-se em trabalho braçal para sustentar a família e, apesar das dificuldades físicas, os seus testemunhos revelam gratidão, resiliência e um profundo senso da sua vocação.

O casal teve quatro filhos: Henry Nichols (1847), James Edson (1849), William Clarence (1854) e John Herbert (1860). Devido às suas frequentes viagens, James e Ellen tiveram de deixar os dois filhos mais velhos sob a responsabilidade de amigos de confiança. Ellen descreveu essa decisão como “o maior sacrifício” que foi “chamada a fazer”.² Foi difícil para os dois, mas eles encontraram conforto ao servir a Causa de Deus. Em 1851, quando a família se estabeleceu de forma permanente, eles expressaram a sua sincera gratidão àqueles que tinham cuidado dos seus filhos.

James e Ellen costumavam viajar juntos. Porém, quando estavam sepa-

Apesar de jovens, ambos já tinham tomado as duas decisões mais importantes da sua vida: Seguir a Palavra de Deus e dedicar-se à missão.

rados, sentiam saudades de casa e uma profunda afeição um pelo outro. Em 1859, enquanto estava ausente, Ellen escreveu: “Durante a viagem, tenho sentido tantas saudades de casa.”³ “Não há lugar tão querido como o lar”, declarou ao regressar a casa. Certa ocasião, quando James estava ausente, ela escreveu carinhosamente: “A ideia de que estás a cumprir a vontade de Deus ajuda-me a lidar com a falta da tua companhia.”⁵ Por sua vez, James demonstrou uma ternura semelhante. Durante um período de ausência, escreveu: “Amo a minha família, e nada para além do senso de dever me pode afastar dela.”⁶

Vida familiar

O casal White amava os seus filhos e preocupava-se, principalmente, com a salvação deles. Embora estivessem frequentemente ausentes do lar, incentivavam os filhos a aproximarem-se de Deus e a viverem em obediência. “Nós, vosso pai e vossa mãe”, escreveu Ellen, “temos grande interesse em vocês. Às vezes, podem achar que os vossos pais são muito rígidos e controladores; porém, amados filhos, o nosso amor por vocês é imenso. Nós vos consagramos a Deus.”⁷

Adélia Patten, uma amiga próxima do casal, descreveu a vida familiar dos White de maneira objetiva: “Os pais carinhosos frequentemente se entristeciam por a sua vida de peregrinos os obrigar a estar tão frequentemente longe dos filhos. Enquanto estavam em casa, sempre foi o seu objetivo educá-los para serem úteis e criá-los no temor do Senhor. Quando estavam

**Embora estivessem
frequentemente
ausentes do lar,
incentivavam os filhos
a aproximarem-se de
Deus e a viverem em
obediência.**

longe, as crianças recebiam várias cartas demonstrando a preocupação dos seus pais com o seu bem-estar.”⁸

Infelizmente, a família também enfrentou a dolorosa perda de dois filhos. John Herbert faleceu em dezembro de 1860, aos três meses de idade. Henry, o filho mais velho, morreu aos 16 anos, três anos depois. Os White ficaram profundamente abalados, mas foram sustentados pela esperança da ressurreição.

“Recebemos um duro golpe”, escreveu James. “O nosso querido Henry descansa em Jesus. [...] Nesta aflição, somos notavelmente sustentados. Deus é bom.”⁹ Ellen expressou a sua dor da seguinte forma: “Sentimos muito a perda do nosso amado Henry. Sentimos a sua ausência em todos os lugares. Os ramos mais novos e mais velhos da árvore da família foram removidos. Estamos [...] feridos, porém não desprovidos de consolo. [...] A nossa esperança não está neste mundo. Se estivesse, estaríamos desolados.”¹⁰

Os filhos sobreviventes, Edson e Willie, também trouxeram preocupações aos pais, principalmente devido à desobediência e à teimosia de Edson

durante a juventude. Ocasionalmente, eles o repreendiam, mas sempre com amor e carinho. Assim, a educação dos filhos pelo casal White foi feita com disciplina e compaixão. Apesar de não serem perfeitos, fizeram o que achavam melhor para criar filhos que amassem Deus.

Lutas e provações

Os últimos 16 anos de casamento (1865-1881) foram os mais desafiantes, mas também os mais maduros espiritualmente. Foi um período marcado por doença, grandes responsabilidades de liderança e provações familiares. Ellen cuidou de James com

dedicação depois de ele sofrer o seu primeiro AVC, em agosto de 1865. Apesar da sua saúde ter melhorado em certa medida, a falta de descanso e a tendência para o excesso de trabalho resultaram em AVCs recorrentes ao longo da década de 1870.¹¹ James manteve-se em postos de liderança, sendo Presidente da Conferência Geral por vários mandatos e supervisionando a obra das publicações, de saúde e de educação.

A doença de James também afetou a sua relação com Ellen. A correspondência trocada entre eles durante o referido período revela momentos de tensão conjugal, de ira e de distan-

Família White, 1864.





ciamento, seguidos de reconciliação e de renovação do compromisso mútuo. Ambos admitiram frustrações e procuraram o perdão. As suas cartas proporcionam uma perspectiva única da sua vida pessoal, demonstrando como a fé e o senso de dever influenciaram a sua comunicação e a sua forma de lidar com as dificuldades.

Relacionamento maduro

O casamento de James e de Ellen White não foi isento de desafios, mas foi repleto de devoção. Doença, ex-

cesso de trabalho e stresse testaram a sua fé. Mesmo assim, a sua união matrimonial foi um exemplo de persistência e de compromisso espiritual. James considerava a sua esposa como a sua “coroa de alegria”.¹² Ellen, por seu lado, descrevia o marido como o homem “cujos grandes afetos” a apoiaram ao longo de 36 anos de ministério. Ela o descreveu como “o melhor homem que já calçou sapatos”.¹³ De facto, o seu casamento foi uma parceria baseada no afeto, no sacrifício e na missão.

¹ Ellen G. White e James White, *Life Sketches of James and Ellen G. White* (Seventh-day Adventist Pub. Ass., 1880), p. 127.

² Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (CPB, 2024), Vol. I, p. 94.

³ Ellen G. White, *Diary*, Manuscrito 5, 21 de janeiro de 1859.

⁴ Ellen G. White, Manuscrito 5, 26 de janeiro de 1859.

⁵ Ellen G. White, Carta 10, 12 de outubro de 1860.

⁶ James White para Ellen G. White, 1 de novembro de 1860, citado por Arthur L. White em *Ellen G. White* (Review and Herald, 1985), Vol. I, p. 427.

⁷ Ellen G. White, Carta 7, agosto de 1861.

⁸ Adelia P. Patten, “Brief Narrative of the Life, Experience and Last Sickness of Henry N. White”, em *An Appeal to the Youth* (Steam Press, 1864), p. 18, citado por Arthur L. White em *Ellen G. White* (Review and Herald, 1986), Vol. II, p. 62.

⁹ James White para Ira e Rhoda Abbey, 12 de dezembro de 1863.

¹⁰ Ellen G. White, Manuscrito 13, dezembro de 1863.

¹¹ Gerald Wheeler, *James White: Innovator and Overcomer* (Review and Herald, 2003), pp. 162-169.

¹² Ellen G. White e James White, *Life Sketches*, p. 126.

¹³ Ellen G. White, “Mrs. White Address”, em *In Memoriam: A Sketch of the Last Sickness and Death of Elder James White, Who Died at Battle Creek, Michigan, August 6, 1881, Together With the Discourse Preached at His Funeral* (Review and Herald, 1881), p. 42.

Da negação à conversão

O que podemos aprender
com a queda de Pedro?



Wagner Vieira Aragão
Pastor

*Retirado da Revista
Adventista brasileira de
abril de 2026.*

O discipulado cristão não é um caminho isento de perigos, nem uma jornada linear de sucessos contínuos. Trata-se de um relacionamento vivo, que exige transparência e conversão genuína. Nos momentos finais do ministério de Jesus, nas vésperas da cruz, encontramos um dos diálogos mais reveladores registrados nos Evangelhos. Lucas 22 oferece um poderoso exemplo de discipulado.

A missão de fazer discípulos requer diálogo franco.¹ Esta franqueza é essencial, pois o discipulado não se sustenta sobre ilusões, nem sobre falsas expectativas de conforto. A transparência fortalece a confiança. As advertências de Cristo, longe de serem palavras de desânimo, são expressões de graça preventiva. Para o discipulador de hoje, fica a lição: Amar não é apenas acolher; é também alertar. O verdadeiro líder espiritual não oculta os perigos do caminho; ele aponta-os com clareza, para que o discípulo esteja preparado e protegido.

Jesus, conhecendo o coração do Seu discípulo e os bastidores da batalha espiritual, seguiu este princípio e não usou meias-palavras ao adverti-lo: “Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo” (Lucas 22:31).

Aqui, a imagem do ato de “cirandar” revela a intenção destrutiva de Satanás, que deseja sacudir a fé do discípulo por meio de tentações e de provas severas. O objetivo do inimigo não é purificar, mas desestabilizar, confundir e conduzir à queda. Diferentemente da obra divina, que disciplina para restaurar, a ação satâ-

O verdadeiro líder espiritual não oculta os perigos do caminho; ele aponta-os com clareza, para que o discípulo esteja preparado e protegido.

nica visa dispersar e minar a confiança em Cristo. Contudo, o Mestre não apenas expôs o perigo; também indicou o antídoto. Para que essa investida não prevalecesse, Jesus apontou para a principal defesa do discipulado: A oração vigilante. “Orai, para que não entreis em tentação” (Lucas 22:40).

Tragicamente, a narrativa revela que Pedro negligenciou essa proteção divina. Enquanto a batalha espiritual se intensificava e a pressão aumentava, o discípulo dormia (Lucas 22:45 e 46). A sua autoconfiança tornou-o insensível à necessidade de vigilância, pavimentando um caminho doloroso na sua experiência com Cristo.



Passos da negação

Ao ignorar as advertências, Pedro iniciou uma queda gradual rumo à negação. Este processo envolveu, pelo menos, cinco passos.

1. Seguir Jesus de longe (Lucas 22:54). Ninguém nega Cristo subitamente; primeiro, perde-se a intimidade. Pedro ainda O seguia, mas a distância “segura” que manteve foi o prenúncio da sua rutura espiritual. Os sintomas de estar longe de Jesus na vida cristã são claros: Abandona-se o hábito de estudar a Bíblia diariamente, deixa-se de orar, perde-se a vontade de frequentar o culto e de testemunhar. Para não sucumbir a esse distanciamento, a solução é a intencionalidade na comunhão. Não espere sentir vontade de procurar Deus; faça da devoção matinal um hábito inegociável.

2. Associar-se aos críticos (Lucas 22:55). Pedro sentou-se entre eles, ao redor do fogo, no pátio da casa do sumo sacerdote. Aproximar-se de ambientes em que a fé é ridicularizada e

nos quais a Igreja, a liderança e os Pastores são constantemente criticados é colocar-se numa situação perigosa. O antídoto contra esta armadilha é escolher com cuidado os ambientes que frequentamos e as companhias que nos cercam.

3. Negar o conhecimento sobre Deus (Lucas 22:56 e 57). Quando foi confrontado por uma empregada, a resposta veio de imediato: “Mulher, não o conheço”. Aquele que antes tinha confessado com convicção que Cristo era o Filho de Deus (Lucas 9:20) agora fingia ignorar a verdade. Hoje, paradoxalmente, vivemos na era do acesso instantâneo à informação, mas o analfabetismo bíblico persiste. A única maneira de prevenir esta crise espiritual é retornar ao estudo profundo da Palavra, fortalecendo a mente com a Verdade para não vacilar no dia da prova.

4. Negar o comprometimento com Jesus (Lucas 22:58). Pouco depois, ao ser novamente identificado como um dos seguidores de Cristo, Pedro reagiu de maneira evasiva. Embora estivesse envolvido, não estava verdadeiramente comprometido. No discipulado cristão, comprometer-se com Jesus significa assumir a responsabilidade da missão que Ele nos confiou. Ellen G. White escreveu: “Todo o verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário.”² Envolver-se num ministério da igreja estreita os nossos laços com o Céu e faz com que o discipulado deixe de ser teórico para se tornar uma experiência viva.

5. Negar a sua identidade (Lucas 22:59 e 60). Na cena seguinte, ao



Embora estejamos sujeitos a falhar, a dormir quando deveríamos vigiar e até a negar Aquele a quem amamos, por medo ou por pressão, o Grande Pastor nunca nos abandona.

ser identificado como Galileu, Pedro negou o seu Mestre veementemente. Ao tentar desvincular-se de Jesus, acabou por negar-se a si mesmo. Esta atitude lembra-me uma experiência da minha adolescência. Eu tinha 14 anos quando a minha mãe me ofereceu uma camisa branca, uma gravata e uns suspensórios, e me disse: “Meu filho, no próximo Sábado quero que estejas na igreja vestido assim.” A partir daquele momento, vivi um intenso conflito interior. Eu teria de enfrentar os meus colegas, que perceberiam imediatamente que eu era um crente cristão. Passei toda a semana a planear uma forma de chegar à igreja sem ser notado. Naquele Sábado, acordei por volta das seis da manhã; foi, sem dúvida, o dia em que cheguei mais cedo à Escola Sabatina. Muitos discípulos fazem o mesmo hoje, no trabalho, na universidade ou na vizinhança, ocultando quem realmente são.

O segredo para se assumir a nossa identidade não está apenas na coragem, mas numa escala de valores

bem definida. Moisés, ao contrário de Pedro, “recusou ser chamado filho da filha de Faraó” para se identificar com o povo de Deus, porque “contemplava a recompensa” (Hebreus 11:24-26). Quando valorizamos a nossa identidade em Cristo mais do que a aprovação social ou o conforto momentâneo, deixamos de nos esconder e passamos a assumir, com honra, que estamos ao lado de Jesus.

Olhar restaurador

O som do galo a cantar poderia ter sido a banda sonora do fracasso espiritual daquele discípulo. Contudo, o texto sagrado oferece-nos um desfecho de esperança e de graça: “Então, o Senhor voltou-se e fixou os olhos em Pedro” (Lucas 22:61).

Aquele não foi um olhar de condenação ou de desprezo. Naquele instante, Pedro lembrou-se do que Jesus lhe tinha dito. Embora estejamos sujeitos a falhar, a dormir quando deveríamos vigiar e até a negar Aquele a quem amamos, por medo ou por pressão, o Grande Pastor nunca nos abandona.

O discipulado cristão não termina na falha humana, mas desenvolve-se pela persistência divina. Os olhos de Jesus permanecem voltados para nos alcançar, fazer-nos recordar as Suas palavras e conduzir-nos ao arrependimento.

¹
Dietrich Bonhoeffer, *Discipulado* (Mundo Cristão, 2016), p. 112.

²
Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Publicadora SerVir, 2010), p. 152.

Anna Knight

Ao serviço de Deus contra
todas as adversidades.



Dorothy Knight Marsh
Escritora freelancer

*Retirado da Revista Adventista
brasileira de abril de 2026.*

Nascida a 4 de março de 1874, no Condado de Jasper, Mississippi,¹ Rachel “Anna” Knight foi uma Adventista afro-americana que se tornou enfermeira missionária, professora, colportora e obreira bíblica. O seu pai, Newton Knight, foi um agricultor branco e um antigo soldado confederado,² e a sua mãe, Georgeanne, foi uma escrava emancipada mestiça. Anna viveu com a sua família alargada numa pequena e superlotada casa na comunidade dos Knight (chamada Six Town) no Mississippi.

Educação a todo o custo

Impedida de frequentar a escola local por causa da sua raça, Anna aprendeu a ler e a escrever ao pedir emprestados os livros escolares dos seus primos brancos que frequentavam a escola. Anna ajudava os seus primos nas suas tarefas domésticas e, em troca, eles ensinaram-na a ler. Ela costumava ir até ao leito do riacho, alisava a areia e praticava ali a escrita, esboçando as letras do alfabeto na areia com um pau. Quando chegou aos 14 anos, sabia o suficiente para ensinar outras crianças. Usando pranchas de madeira pintadas com fuligem molhada para servirem de quadro negro, e com giz retirado do leito do rio, ela escrevia o alfabeto enquanto as crianças pronunciavam as letras. Embora o seu estilo de ensino fosse primitivo, teve um bom propósito, dado que não era permitido que as crianças mestiças recebessem formação escolar naquela comunidade.

Quando um vendedor visitou Six Town para solicitar subscrições para a revista *Home and Fireside*, Anna assi-

Impedida de frequentar a escola local por causa da sua raça, Anna aprendeu a ler e a escrever ao pedir emprestados os livros escolares dos seus primos brancos que frequentavam a escola.

nou uma subscrição e, depois de receber a revista, aproveitou a oportunidade para solicitar o envio de amostras gratuitas de revistas adicionais e de outro material de leitura. Até que, um dia, em 1891, ela recebeu um exemplar da revista adventista *Signs of the Times* enviada por Edith Embree, que fazia parte de um Grupo de Literatura e Correspondência para Jovens. Edith manteve-se em contato com Anna, enviando novos exemplares da revista e, de vez em quando, uma carta. Depois de cerca de seis meses de estudo intensivo da literatura e das lições bíblicas que Edith lhe enviava, comparando tudo com a Bíblia, Anna resolveu ser batizada e unir-se à Igreja Adventista do Sétimo Dia.



União Indiana, Calcutá, Índia: Anna Knight de pé na 3.ª fila, perto do centro.

Nesta data, a igreja adventista mais perto do lar de Anna estava localizada a cerca de 650 quilômetros, em Graysville, Tennessee. Ela viajou até lá para ser batizada no fim de dezembro de 1892.³ Um casal que vivia em Graysville, os Chambers, acolheram Anna no seu lar e conseguiram que ela frequentasse a escola adventista *Graysville Academy*. Por causa da sua tez clara, ela conseguiu ser aceite na escola, mas quando alguns pais souberam da sua identidade racial, eles protestaram, e Anna foi proibida de frequentar as aulas. No entanto, a governanta do internato acolheu a Anna no seu quarto e deu-lhe aulas privadas, enquanto Anna a ajudava no seu trabalho.

A primeira oportunidade efetiva de uma educação formal que Anna teve surgiu quando os Chambers conseguiram que ela frequentasse a *Mount Vernon Academy* no Ohio, a partir de setembro de 1894. No verão seguinte, Anna serviu como cozinheira na reunião campal realizada em Chattanooga. Duas enfermeiras missionárias formadas no Sanatório de Battle Creek ajudaram Anna a planejar menus saudáveis e, por sugestão delas, ela matriculou-se no *American Medical Missionary College*, terminando a sua formação como enfermeira em 1898.

Missão no País e no Estrangeiro

Depois de se formar, Anna Knight regressou a casa no Mississippi, onde abriu uma escola missionária numa cabana de troncos perto de Gitano, não muito longe do seu lar. Matricularam-se doze alunos, sendo quase

todos parentes de Anna, membros da comunidade Knight, a quem era negada a oportunidade de frequentar outras escolas na região. O número de alunos aumentou e Anna também estabeleceu duas escolas dominicais bem frequentadas em igrejas vizinhas. Como resultado da sua exposição dos nefastos efeitos do álcool nas suas palestras sobre saúde e temperança, os fabricantes locais de whisky viram diminuir a procura pelo seu produto ilícito. Apesar das suas ameaças violentas e do seu assédio, Anna recusou deixar-se intimidar.

Na Assembleia da Conferência Geral de 1901, Anna aceitou um chamado para acompanhar J. L. Shaw e a sua esposa em missão à Índia, juntamente com uma outra enfermeira, colega de turma, chamada Donna Humphrey. No outono, Anna Knight e os outros missionários partiram por barco para Calcutá. Assim, ela tornou-se não apenas a primeira missionária afro-americana adventista enviada numa missão internacional, mas também “a primeira mulher negra a ser enviada para a Índia por uma junta missionária de uma denominação.”⁴

Na Índia, Anna trabalhou primeiro como enfermeira num Sanatório em Calcutá, antes de ser chamada para a Missão de Karmatar, que, juntamente com uma escola, operava um pequeno orfanato, uma clínica e uma pequena casa publicadora. Uma vez ali, Anna serviu em todas as funções necessárias – como escriturária, professora, enfermeira e auxiliar de impressão, chegando mesmo a plantar uma frutífera horta. Mais tarde,



Anna Knight

Foto: Arquivos da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Anna assumiu novas funções, como colportora e obreira bíblica. Esta última função foi por ela assumida como prioritária.

Os seis anos e meio passados por Anna no subcontinente indiano levá-la-iam às cidades de Calcutá, Allahabad, Simla, Amritsar, Ambala, Ludhiana, Jullundur e Lahore, bem como a várias pequenas vilas. Ela familiarizou-se com a língua Hindi e trabalhou entre o povo.

Depois de receber uma licença sem vencimento de dois anos em 1907, Anna regressou ao seu lar para reconstruir a escola que tinha sido incinerada pelos fabricantes de whisky em 1903 e reassumiu o seu trabalho como pro-

fessora. Ela também trabalhou como obreira bíblica a tempo parcial para a Associação do Mississippi.

Durante o resto da sua carreira, Anna Knight operou um pequeno Sanatório e serviu como obreira bíblica e administradora de uma escola no Sul da América. Trabalhando com mulheres destacadas de várias denominações, Anna organizou o primeiro YWCA em Atlanta, onde se ofereciam cursos de enfermagem doméstica, culinária saudável e primeiros-socorros, para além de palestras sobre saúde, temperança e higiene pessoal.

Anna manteve registos meticulosos e na sua autobiografia, *Mississippi Girl* (1952), ela apresenta um resumo estatístico do seu trabalho desde 1911: “Eu realizei 9388 reuniões e fiz 11 744 visitas missionárias. O meu trabalho exigiu a redação de 48 918 cartas e viajei quase 900 000 quilómetros para cumprir os meus compromissos.”⁵

Apesar de viver numa era de opressão e segregação severas nos Estados Unidos da América, Anna Knight desafiou o *status quo* ao se empenhar na obra evangélica e ao servir sem temor tanto no Sul da América como na Índia. Ela morreu em 3 de junho de 1972, com 98 anos, e está sepultada no cemitério da família Newton Knight, no Condado de Jasper, Mississippi.

¹ A fonte de informação para este artigo é a biografia de Anna Knight: Dorothy Knight Marsh, *From Cotton Fields to Mission Fields: The Anna Knight Story* (Publicação da Autora: Lulu, 2016).

² A história de Newton Knight foi dramatizada no filme de 2016 intitulado *Free State of Jo-*

nes. Ver Richard Grant, “The True Story of the ‘Free State of Jones’”, *Smithsonian*, março de 2016. Veja-se também Victoria E. Bynum, *The Free State of Jones: Mississippi’s Longest Civil War* (Chapel Hill, N.C.: University of North Carolina Press, 2001).

³ Anna Knight, *Mississippi Girl* (Nashville: Southern Pub. Assn., 1952), pp. 27-31, 41.

⁴ Louis B. Reynolds, *We Have Tomorrow: The Story of Seventh-day Adventists With an African Heritage* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1984), p. 323.

⁵ Knight, *Mississippi Girl*, p. 223.



—
Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



[radiorcs.novotempo.pt](http://radiorcs.novotempo.pt/podcasts/gravado-na-pedra)
[/podcasts/gravado-na-pedra](http://podcasts/gravado-na-pedra)



GRAVADO NA PEDRA

Os grandes terramotos da Judeia

Em 2021, os arqueólogos Joe Uziel e Ortal Chalaf, da Autoridade de Antiguidades de Israel, publicaram um artigo no qual afirmaram ter identificado, em Jerusalém, evidências de um antigo e poderoso terramoto. Segundo os investigadores, esses indícios foram encontrados em escavações realizadas na parte antiga da cidade, estando o estrato arqueológico marcado por paredes desmoronadas e por numerosos recipientes quebrados e danificados em resultado do colapso estrutural de um edifício antigo.

Os arqueólogos datam estes materiais de meados do século VIII a.C. e acreditam que a sua destruição poderá ter resultado de um sismo. Essa hipótese baseia-se no facto de não existirem evidências de incêndio ou de outro evento destrutivo de origem humana, como normalmente aconteceria em contextos associados a ataques militares.

Os diretores da escavação procuraram então compreender o que teria causado aquela dramática destruição e, após uma análise detalhada, combinando os dados arqueológicos com referências de fontes antigas e narrativas bíblicas contemporâneas, concluíram que o episódio poderá ter resultado do famoso terramoto que atingiu a capital do reino durante o reinado de Uzias, rei de Judá (Uziel e Chalaf, 2021: 58).

A magnitude do terramoto foi um evento tão notável que ele é mencionado duas vezes no relato bíblico. A primeira referência surge no livro do profeta Amós, que marca o início da sua atividade profética dois anos antes desse sismo. Na sua mensagem de advertência menciona repetidamente os efeitos de um terramoto que haveria de vir, com casas sendo destruídas (capítulo 6:11), altares despedaçando-se (capítulo 3:14) e até mesmo o santuário pagão de Betel



Fig. 1 - Muralha inclinada de En Hazeva, atribuída ao terramoto do séc. VIII a.C., mencionado por Amós (In <https://popular-archaeology.com/article/fortress-on-the-edge-of-kingdoms>).

sendo atingido e desmoronado (capítulo 9:1). Ainda que os terramotos sejam recorrentes no Mediterrâneo Oriental, Amós interpretou este acontecimento como uma manifestação do julgamento divino sobre o povo de Israel, denunciando a corrupção moral, a injustiça social e o afastamento da aliança com Deus.

O mesmo terramoto é também referido no livro do profeta Zacarias, no capítulo 14, onde ele compara a sua devastação aos eventos finais deste mundo. Dado que este profeta viveu duzentos anos depois de Amós, o terramoto deve ter sido tão avassalador que terá deixado uma impressão suficientemente profunda e duradoura na memória coletiva do povo judeu, para servir como alerta para eventos catastróficos futuros.

De facto, estudos conduzidos por geólogos em colaboração com arqueólogos da Autoridade de Antiguidades de Israel confirmaram este sismo e acreditam que foi “provavelmente um dos terramotos mais fortes e destrutivos da Antiguidade” (Uziel e Chalaf, 2021: 60), possivelmente o maior nos últimos quatro milénios ao longo da falha geológica do Mar Morto.

Num estudo publicado na revista *International Geology*, o geólogo Steven Austin encontrou evidências paleossísmicas do evento e estimou que a sua magnitude poderá ter oscilado entre 7,8 e 8,2 graus. De acordo com os parâmetros atuais de medição de força, um terramoto de grau 8 “destruiria todos os

nossos edifícios de construção moderna” (Austin *et al.*, 2000: 667). Através destas evidências científicas conseguimos ter um vislumbre da devastação que atingiu a Judeia naqueles dias.

O terramoto do século VIII a.C. encontra-se hoje relativamente bem documentado em cerca de 200 sítios arqueológicos de Israel e da Jordânia, que ajudam a compreender a sua extensão e impacto destrutivo. As escavações revelam diversos indicadores de destruição súbita, como colunas caídas, paredes colapsadas, esqueletos soterrados e elementos arquitetónicos deslocados, sugerindo um evento sísmico de grande violência.

Em Hazor, as escavações dirigidas por Yigael Yadin, em 1955, identificaram, nos níveis da Idade do Ferro, muros inclinados ou deformados e extensos desmoronamentos. Na chamada “casa de Ya’el”, vários objetos de uso quotidiano foram encontrados *in situ* sob o teto colapsado (Wrathall, 2023: 230). Nas ruínas de Gezer, a muralha defensiva apresentava enormes blocos rachados, fundações deslocadas e o topo do muro tombado para o interior, sugerindo um colapso súbito provocado por um forte sismo (Austin *et al.*, 2000: 659).

Em En Hazeva há igualmente indícios arqueológicos de destruição compatíveis com ação sísmica, sobretudo nas estruturas da fortificação da Idade do Ferro, onde as muralhas apresentam derrubes abruptos, elementos construtivos projetados para fora da sua posição original e alinhamentos truncados, que não parecem resultar apenas de abandono ou erosão gradual, mas sim de um evento súbito de grande energia, sendo compatíveis com um terramoto forte.

Estes vestígios arqueológicos mostram que o terramoto causou devastação ao longo de uma faixa com mais de 125

km de extensão, mas pode ter chegado aos 300 km. Os especialistas concluíram que o epicentro provavelmente se localizou no atual Líbano e que as ondas sísmicas se propagaram a partir do Norte, como é indicado pela redução dos danos nos povoados à medida que nos deslocamos para o Sul. O que também é confirmado pelo colapso das paredes das construções dos povoados, sempre para o lado meridional.

Os terremotos não são incomuns em Israel. Recentemente, a 15 de junho de 2021, um terramoto de magnitude 4,2 atingiu o Mar Morto e foi sentido em todo o sul de Israel. Desta forma, é natural encontrar relatos adicionais de antiga atividade sísmica na Judeia, confirmados por evidências arqueológicas.

No ano 31 a.C. houve um sismo com epicentro no vale do Jordão (Williams *et al.*, 2011: 3), que é descrito pelo historiador judeu do século I d.C., Flávio Josefo. Ele data o sismo do reinado de Herodes, o Grande (que reinou entre 37 e 4 a.C.) e afirma que os danos atingiram o Templo de Jerusalém e as torres da muralha que contornava a cidade. No seu livro *Antiguidades Judaicas*, o historiador judeu avança com um número arredondado de 30 000 mortos (Josefo, 1997: XV, 901).

As evidências geoarqueológicas sugerem que este terramoto foi relativamente menos impactante, com uma magnitude de 6 a 6,5 graus, e não constituiu uma “grande catástrofe”. Mas os arqueólogos pensam identificar informações indiretas dos seus danos nas intensas atividades de construção em Masada, em Jericó, em Ashkelon, em Antipatris e em Tiberíades, decretadas por Herodes, o Grande, possivelmente associadas à necessidade de reparos subsequentes ao sismo. No povoado de *Khirbet Qumran*,

situado entre dois barrancos profundos, na fissura do Mar Morto, numa área com frequente atividade tectónica, os arqueólogos identificaram sinais de danos causados por este sismo, nomeadamente uma falha no solo de um dos banhos rituais, a queda do teto de uma sala, e o desabamento de paredes na torre principal, julgando-se que este povoado foi abandonado, após o tremor de terra.

Os próprios manuscritos do Mar Morto (séculos IV e I a.C.) contêm várias referências a terremotos e descrevem uma lista de instruções sobre construções resistentes a sismos, sendo possível que registem apenas eventos antigos da memória coletiva; mas alguns investigadores sugerem uma conexão com o terramoto de 31 a.C..

Há um outro terramoto referido na Bíblia que tem sido bastante estudado, por estar associado à narração da crucificação de Cristo, no ano 33 d.C., onde se refere que “a terra tremeu e as rochas fenderam-se” no momento da Sua morte (Mateus 27: 51). Em 2011, geólogos alemães analisaram as finas camadas anuais de sedimentos lacustres na margem ocidental do Mar Morto, onde observaram deformações e fraturas que indicam a ocorrência de episódios antigos de instabilidade tectónica provocados por terremotos. As análises revelaram evidências de, pelo menos, dois sismos de magnitude significativa para deformar os sedimentos da região, em épocas muito próximas. O primeiro corresponde ao referido terramoto de 31 a.C., bem documentado nas fontes históricas antigas. O segundo evento sísmico foi identificado numa camada sedimentar posterior, e os autores do estudo consideraram que os dados geológicos são compatíveis com o período tradicionalmente atribuído à crucifica-

ção de Jesus, podendo constituir um enquadramento físico plausível para o episódio descrito em Mateus (Williams *et al.*, 2011: 2). Embora a investigação não permita demonstrar de forma conclusiva que o evento geológico identificado corresponda exatamente ao terramoto mencionado pelo evangelista, os resultados evidenciam uma notável correspondência entre os dados científicos e a tradição textual cristã.

Por fim, deve-se mencionar ainda o terramoto que ocorreu na Galileia em 363 d.C., que afetou amplamente a Palestina, a Transjordânia e partes da Síria, provocando colapsos urbanos, destruição de infraestruturas e numerosas vítimas. Entre as cidades mais afetadas destaca-se Petra, onde o sismo causou graves danos estruturais em cerca de metade dos edifícios monumentais, incluindo o teatro, vários templos e a grande rua colonada que definia a organização do centro urbano da antiga capital nabateia.

Este sismo terá afetado igualmente Jerusalém, sendo apontado por alguns historiadores como um dos fatores que contribuíram para o fracasso da derradeira tentativa judaica de reconstrução do Segundo Templo.



Fig. 2 – Restauro final dos recipientes quebrados e danificados no colapso dos edifícios de Jerusalém, provocado por um terramoto (©Israel Antiquities Authority).



Fig. 3 – Falésia rochosa da região do Mar Morto, com vestígios das camadas sedimentares afetadas por um terramoto (©foto de Daki. Hebrew Wikimedia Commons).

Nesse ano, o imperador Juliano, o Apóstata, numa política de oposição ao Cristianismo e de restauração dos antigos cultos tradicionais pagãos, autorizou igualmente os Judeus a reconstruírem o Templo destruído. A decisão possuía uma forte dimensão política e religiosa (Levenson, 2004: 460). Ao permitir a sua reconstrução, Juliano procurava pôr em causa a veracidade da nova fé e enfraquecer um dos principais argumentos apologéticos dos Cristãos: A profecia de Cristo acerca da destruição do templo em 70 d.C.

Contudo, os trabalhos de reconstrução foram abruptamente interrompidos. As fontes antigas referem vários fenómenos extraordinários ocorridos durante o início das obras, entre eles tremores de terra, incêndios e violentas perturbações no local da construção. Alguns autores modernos consideram que este terramoto poderá ter desempenha-

do um papel determinante nesse fracasso, destruindo estruturas provisórias, causando pânico entre os trabalhadores e tornando inviável a continuação das obras.

Entre os testemunhos escritos destaca-se o de Gregório Nazianzo, que descreve os operários como sendo violentamente arremessados uns contra os outros “como por uma rajada furiosa de vento e por um súbito movimento da terra”. Segundo o autor, estes acontecimentos foram interpretados como um sinal divino contrário à reconstrução do Templo, levando muitos a abandonarem os trabalhos (2004: 410).

Para os Cristãos, o insucesso confirmava a irreversibilidade da destruição do Templo e o cumprimento das palavras de Jesus. Para os Judeus, representou o fim da última grande esperança de restaurar o centro de culto do judaísmo antigo.

Desta forma, verificamos como a atividade sísmica recorrente no antigo Próximo Oriente ficou registada em diversas fontes literárias, evidências arqueológicas e dados geológicos, permitindo compreender os terramotos como um elemento estruturante da história ambiental e cultural da região, com impacto na organização dos assentamentos e na interpretação religiosa e histórica dos acontecimentos.

Bibliografia:

AUSTIN, Steven; FROST, Eric; FRANZ, Gordon W (2000) – “Amos’s Earthquake: An Extraordinary Middle East Seismic Event of 750 BC”. *International Geology Review*. 42:7. Taylor & Francis, pp. 657-672.

JOSEFO, Flávio (1997) – *Antigüedades Judías*. Edición de José Vara Donado. Akal Clássica.

LEVENSON, David (2004) – “The Ancient and

Medieval Sources for the Emperor Julian’s Attempt to Rebuild the Jerusalem Temple”. *Journal for the Study of Judaism in the Persian, Hellenistic, and Roman Period*. 35:4, p. 409-460.

UZIEL, Joe; CHALAF, Ortal (2021) – *Archaeological Evidence of an Earthquake in the Capital of Judah. City of David. Studies of Ancient Jerusalem*. 16. Megalim Institute: Jerusalém, p. 51-64.

WILLIAMS, Jefferson B.; SCHWAB, Markus

J.; BRAUER, Achim (2011) – “An Early First-century Earthquake in the Dead Sea”. *International Geology Review*. Taylor & Francis, p. 1-10.

WRATHALL, Alexandra (2023) – “‘Before the Earthquake’ (Amos 1:1): Evaluating New Archaeological Evidence for the ‘Amos Earthquake’ in Judah”. In Ido Koch e Omer Sergi (eds). – *Studies in the History and Archaeology of Ancient Israel and Judah: Dedicated to Oded Lipschits* (Archaeology and Bible). Tübingen, p. 215-236.



Cláudia Dias

Entrevistada por Ezequiel Duarte

Comunicar é algo que fazemos todos os dias. Falamos, ouvimos, respondemos, mas comunicar é muito mais do que palavras. É uma linguagem que nasce do movimento das mãos, da expressão do rosto, da postura do corpo. Uma linguagem viva que abre portas entre o mundo dos sons e o mundo do silêncio. A convidada de hoje dedica a sua vida precisamente a isso, a construir pontes entre estes dois mundos. Cláudia Raquel da Fonseca Santos Dias é intérprete de língua gestual portuguesa e, há décadas, trabalha com a comunidade surda, ajudando milhares de pessoas a viver com mais autonomia. Mas a história da Cláudia vai muito além da sua profissão. Nasceu em Luanda, cresceu em Lisboa, descobriu a fé ainda jovem e desde muito cedo sentiu uma curiosidade

especial pela forma como as pessoas surdas comunicavam. Hoje vamos conhecer a mulher por trás desta missão. Vamos falar de infância, de fé, de perdas e alegrias, da inclusão na Igreja, do mundo das pessoas surdas e da beleza de uma linguagem que se vê tanto quanto se sente.

ED: Cláudia, consideras que a tua vida pode inspirar alguém?

CD: Eu espero que sim. Principalmente dentro da Igreja Adventista. Foram muitos anos a tentar que a língua gestual fosse um meio de transmitir o evangelho dentro da Igreja, porque existem 150 mil surdos em Portugal que precisam de conhecer Jesus como nós conhecemos.

ED: Tu tens uma história de vida muito interessante. Não nasceste em Portugal, nasceste em Luanda. Que memórias tens?

CD: Eu acho que nasci para a comunidade surda, porque tenho memó-

ria visual mais do que qualquer outra coisa. E recordo-me das casas onde vivi. Recordo-me da igreja Adventista de Luanda. Foi o colégio Adventista, que ficava na parte de baixo da igreja, que eu frequentei até vir para Portugal.

ED: Viveste em Luanda até aos 10 anos. Vieste para Portugal com 10 anos. Como foi a mudança?

CD: Foi difícil, principalmente porque foi numa fase em que crianças eram chamadas para a guerra. E a minha mãe, quando recebeu a informação de que eu deveria preparar-me para me apresentar, pediu para irmos dar um passeio e viemos com a roupa que tínhamos no corpo. E foi o meu padrinho que arranjou forma de entrarmos no avião. Portanto, nós não trazíamos nada connosco.

ED: Como foi quando chegaste a Portugal?

CD: Foi estranho, porque nós vivemos no aeroporto de Lisboa três meses dentro de contentores. A Cruz Vermelha encaminhou-nos, porque nós não tínhamos cá ninguém. Nós não somos retornados, somos refugiados, como milhares atualmente. E ficámos no aeroporto a viver, com o apoio da Cruz Vermelha, que nos ia dando alimentos conforme podia. E para mim isso foi uma aventura.

ED: Que influências recebeste dos teus pais?

CD: Infelizmente, do meu pai não posso dizer que tenha recebido grandes influências positivas, mas da minha mãe, sim. Porque a minha mãe

sempre foi muito lutadora, sempre arregaçou as mangas sem se preocupar com ela própria, sempre fez pelos outros. Foi uma pessoa que sempre quis manter a família unida, que sempre lutou e que nos deu valores. Ensinos que eu tento pôr em prática na minha vida.

ED: Chegas a Portugal com 10 anos, comesas a frequentar a igreja Adventista do Sétimo Dia de Alvalade. Já frequentavas alguma igreja Adventista do Sétimo Dia em Angola?

CD: Sim, eu cresci dentro da Igreja. Frequentámos algum tempo a igreja de Lisboa Central, mas ficava longe de onde nós morávamos. E então, um dia, por acaso, encontrei a igreja Adventista de Alvalade e fui muitíssimo bem recebida. Era uma criança, ia sozinha. A maior parte das pessoas que estavam nessa igreja eram de Angola e sentimo-nos completamente em casa.

ED: Como era a vida na igreja numa cidade grande como Lisboa? Era muito diferente daquilo que viste em Angola?

CD: Em Angola nós não tínhamos o Clube de Desbravadores. Na altura chamavam-se os “Missionários Voluntários”, hoje são os Desbravadores. Mas quando eu comecei a frequentar, em 1979, a igreja de Alvalade, já havia o movimento dos Missionários Voluntários. Era um movimento que me entusiasmava, porque fazíamos coisas de campo, que sempre foi a minha paixão. Tínhamos um grande grupo de jovens. Tínhamos reuniões todos os Sábados e todos os domingos

de manhã para os Missionários Voluntários. Toda a gente almoçava na igreja. E isso deu-me bases, deu-me uma forma de ver a igreja como uma união.

ED: O que é para ti o Grupo Aliança?

CD: É um grupo de evangelismo e tornou-se uma família para mim até hoje. São mais do que irmãos de igreja que trabalham para transmitir a palavra de Deus, são uma família.

ED: Agora gostaria de entrar no teu trajeto profissional. Como te classificas profissionalmente, Cláudia?

CD: Sou intérprete e tradutora de língua gestual portuguesa. É o meu trabalho todos os dias. Na língua gestual comecei tarde, porque só fui aprender língua gestual já em 1997. Já fui tarde, gostaria de ter começado quando jovem. Mas aproveito cada segundo. Fiz a formação numa associação de surdos.

ED: Como foi a primeira vez que tu conseguiste ter uma conversa através da língua gestual?

CD: Eu fiz o nível 1 na Associação. No fim do nível 1, fui convidada para

trabalhar na Associação. É como quando nós conhecemos uma pessoa com outra língua e convivemos diariamente com ela. Acabamos por conseguir conversar com essa pessoa. E foi assim para mim, foi uma coisa natural. Ao final de alguns meses, já estava a conversar. E tive grandes mentores dentro da associação de surdos, que admiro muito até hoje e que trato com muito carinho, porque me deram a oportunidade e o desafio de trabalhar na comunidade surda e isso tornou-se parte de mim.

ED: Que desafios ainda hoje existem em Portugal para uma pessoa surda?

CD: Tantos. As informações nos transportes públicos são em áudio. Se um comboio está atrasado, é áudio. Se o metro tem problemas, é áudio. Se há um sismo, as informações são na rádio. Portanto, tudo é feito em áudio e o surdo não tem acesso. Basta pensarmos nisso. A situação recente de Leiria, por exemplo, onde houve a catástrofe este ano. Existem muitos surdos em Leiria que ficaram desamparados porque não tinham qualquer tipo de informação. E isso deixa-me angustiada, porque se nós nos puséssemos nos sapatos deles, como nos sentiríamos? Porque não recebem informação, não há meios de comunicação e ninguém sabe chegar até eles para os avisar. Se houver um sismo, como podem agir? Onde podem encontrar apoio?

ED: Cláudia, existe uma língua gestual universal?

CD: O gesto “Jesus” é igual em todo o mundo. É o único gesto que é

**O gesto “Jesus”
é igual em todo o
mundo. É o único
gesto que é
mesmo igual em
todo o mundo.**



mesmo igual em todo o mundo. O alfabeto é diferente de país para país. Alguns países têm o alfabeto igual porque foram buscar o alfabeto norte-americano (o ASL – *American Sign Language*) do inglês. Mas nós temos um alfabeto muito parecido com a escrita. O alfabeto português é muito parecido com a escrita. E daí ser único. Angola também absorveu o alfabeto português, mas há muitos outros países que usam o alfabeto americano. No entanto, existem gestos internacionais que são usados em encontros internacionais, em seminários e congressos, onde estão presentes vários países. São gestos internacionais, mas cada país tem a sua língua. No Brasil, em Cabo Verde, em Angola ou em Moçambique existe uma língua gestual própria. Porque cada língua tem a sua influência cultural. E daí ter de ser diferente. Porque as nossas culturas são diferentes. Tal como a língua oral tem uma influência cultural, a língua gestual também a tem. E por isso é diferente. E é rica, por isso mesmo. A língua gestual portuguesa só se fala em Portugal.

ED: Podes contar-nos uma história engraçada que tenhas vivido no âmbito do teu trabalho?

CD: É uma história que acontece muito, infelizmente. Eu fui acompanhar um surdo a um serviço público. Sentámo-nos e eu comecei por dizer à pessoa que nos estava a atender que estava a acompanhar uma pessoa surda. Imediatamente, ela começou a falar em inglês. E eu disse-lhe: “É uma pessoa surda.” E ela respondeu-me: “Sim, eu posso falar em inglês, eu sei inglês.” E eu tive de insistir: “Ele é surdo, não é inglês. Portanto, a senhora fala comigo e eu traduzo. Depois ele fala comigo e eu traduzo.” Nesse momento ela ficou muito admirada porque não se tinha lembrado que, se ele era surdo, não ia também perceber inglês. Felizmente, o surdo era uma pessoa bem-disposta e não levou a mal. Ainda nos rimos um bocado.

ED: Cláudia, vamos falar agora sobre a inclusão na Igreja. Tu dás estudos bíblicos, tu ensinas a Bíblia a muitas pessoas surdas. Como é a

Mas em língua gestual eu considero-me uma ferramenta. (...) Eu sou uma ferramenta que está nas mãos de Deus e transmito a mensagem que é dita.

reação delas e como é dar um estudo bíblico a uma pessoa surda?

CD: É uma emoção. Porque o vocabulário bíblico não é compreendido por todos. Até por ouvintes, não é? Há quem leia a Bíblia e não compreenda o vocabulário que está na Bíblia. E ao explicarmos em língua gestual, na língua materna do surdo, nós vemos no seu rosto a expressão da descoberta. E isso para mim é emocionante. Perceber que eles se apaixonam por aquilo que nós estamos a explicar. Que se apaixonam por Deus. Que fazem uma descoberta do amor de Cristo por eles. É uma completa mudança de vida.

ED: Cláudia, tu cuidas de muitas pessoas que, sem ti, eventualmente não iriam ter acesso ao Evangelho. E isso acaba por fazer a diferença. Sentes isso?

CD: Eu acho que não faço tanto quanto poderia. Sinto que falta tanta coisa por fazer. Mas tento. Eu não gosto muito de dar nas vistas. O que parece um bocadinho incongruente com a minha profissão, porque é uma profissão que tem de ser visível. Mas em língua gestual eu considero-me uma ferramenta. Eu não ajudo ninguém. Eu sou uma ferramenta que

está nas mãos de Deus e transmito a mensagem que é dita. É verdade que nos estudos bíblicos sou só eu e a pessoa surda, mas no restante eu só transmito aquilo que é dito.

ED: No que diz respeito à língua gestual portuguesa, qual é o gesto que tu utilizarias para que se lembrem de ti?

CD: Este é o meu nome gestual, que é conhecido na comunidade surda. É este. E significa “Contente”, porque é assim que eles me veem constantemente. Porque eu sou paga para fazer o que eu gosto. E isso dá-me muita felicidade. Eu acordo com vontade de trabalhar. E isso é meio caminho andado para não estar triste.

ED: Muito obrigado, Cláudia, por nos teres dado a honra de estarmos olhos nos olhos num programa com tantos gestos.

CD: Que Deus vos abençoe também. Obrigada.





O relacionamento entre Clarence Rentfro e Robert Moreton

(Parte II)

Depois do “conflito” de que falávamos no artigo anterior, no qual entrou Joaquim Santos Figueiredo, Satanás, o inimigo, vai preparar outro “conflito”.

Este “conflito” surge através de um conjunto de artigos escritos pelo pai de Moreton (o amigo de Rentfro), o Reverendo Robert Hawkey Moreton, que, como dissemos no artigo anterior, dirigia a Igreja Metodista do Templo do Mirante, no Porto.

Estes artigos foram publicados no Jornal da Igreja Lusitana – *Luz e Verdade*. Robert H. Moreton é colaborador deste Jornal, embora professe o Metodismo. O cabeçalho do primeiro artigo é muito específico – “Os Sabatistas ou os chamados Adventistas do Sétimo Dia”. Os artigos vão ser publicados entre fevereiro de 1907 e maio de 1907.

Robert H. Moreton vai ter acesso a uma obra escrita por Dudley M. Canright (1840-1919), com o título *Seventh-day Adventism Renounced* (*O Adventismo do Sétimo Dia Renunciado*), publicada em 1889.

Quem foi Canright?

George R. Knight, no seu artigo publicado na *Enciclopédia de Ellen White*, pp. 368-370, escreve: “D. M. Canright, foi um notável pregador durante a década de 1870 e início de 1880. (...) Tornou-se, após 1889, o mais renomado opositor tanto da Instituição, quanto de Ellen White. (...) Faltava-lhe, porém, estabilidade emocional.”

Não sei se R. H. Moreton tinha mais alguma informação sobre Ellen G. White. Se a tinha, deveria ter tido mais cuidado com as informações que subscreve, que são as de Canright, as quais são redutoras e tendenciosas. Vejamos.

No artigo escrito por Jerry Moon e Denis Kaiser, com o título “Por Jesus e pelas Escrituras: A vida de Ellen White”, pp. 29-99, na *Enciclopédia de Ellen White*, lemos na p. 31 que Ellen Gould (Harmon) White (1827-1915) cresceu num piedoso lar metodista. Entre 11 e 23 de março de 1840, Ellen

e a sua família assistiram à primeira série de palestras que Guilherme Miller realizou em Portland, Maine. Entretanto, foi batizada em 26 de junho de 1842. Diz também que Ellen vai tornar-se simpatizante do movimento millerita. E continua “Em 19 de junho de 1843, a Assembleia Anual dos Metodistas do Maine, realizada na cidade de Bath, votou a suspensão de todos os fiéis que continuassem a defender o millerismo. A expulsão da maioria dos membros da família Harmon foi anunciada na igreja da rua Chestnut em 21 de agosto de 1843 e tornou-se definitiva em 2 de setembro de 1843, quando foi rejeitado o pedido da família de que a decisão fosse revista.”

Um Reverendo do século XX ataca uma senhora que até tinha pertencido à sua Igreja! Esta problemática lembra o “Conflito e Separação” que houve entre Diogo Cassels e Moreton (Pai) no fim do século XIX e início do século XX. Diogo Cassels vai pedir junto da Igreja Anglicana um Missionário Wesleyano. O seu pedido foi atendido e, em 16 de fevereiro de 1871, desembarcava no Porto um jovem de 27 anos chamado Robert Hawkey Moreton.

Fernando Peixoto, no seu trabalho “A influência britânica no Protestantismo português”, nos *Anales de Historia Contemporânea*, 17 (2001), à p. 142, escreve: “Moreton vai sentir alguma dificuldade em adaptar-se a um certo comportamento rústico dos portugueses no interior da Igreja, o que é compreensível, uma vez que estava há bem pouco tempo entre nós.



Ao mesmo tempo, a sua visão é um tanto redutora, e a forma como ‘vê’ o povo português, sobretudo o rural, é em muito semelhante à do britânico em viagem, confundindo aquilo que são diferenças com atrasos circunstanciais.”

Podemos afirmar que R. H. Moreton usou a frontalidade para com os “Sabatistas” ou Adventistas do Sétimo Dia, uma ferramenta que não era apropriada para a época de implantação de novas confissões.

Perante toda esta problemática, talvez possamos chegar a algumas conclusões ou talvez a alguns pressupostos cruzando certas coincidências.

A notícia que Rentfro dá na *Review and Herald*, de 4 de maio de 1905, p.16 – “Encontre outro campo, dizem gentilmente” – não é nenhuma



coincidência, mas seria uma realidade entre 1905 e 1907. O documento fala por si. Os “Sabatistas” não eram bem vistos, nem desejados neste campo missionário evangélico que era Lisboa.

Perante estes dados e os que apresentei anteriormente, podemos tentar compreender melhor a expressão que Rentfro usa na entrada do seu Diário de 16 de junho de 1907 – “*Circumstance of Moreton*”. Será coincidência ou realidade?

Em jeito de conclusão, esta amizade entre Rentfro e Moreton, que se estendeu de fins de setembro de 1904 a 16 de junho de 1907, demonstra que as amizades, perante determinadas circunstâncias, se desfazem por questões de interesse. Esta amizade faz lembrar o episódio entre David e Jónatas. Em I Samuel 18:1-5 é rela-

tada a amizade de Jónatas para com David. No versículo 4 está escrito: “E Jónatas se despojou da capa que vestia, e a deu a David, como também a sua armadura, e até mesmo a sua espada, o seu arco e o seu cinto.” Entretanto, o rei Saul tenta matar David e Jónatas aplaca o ciúme que o seu pai tem de David. “Então Jónatas fez David jurar de novo, porquanto o amava; porque o amava com todo o amor da sua alma.” (I Samuel 20:17). Mais adiante, em I Samuel 23:17 lemos: “E disse-lhe [Jónatas]: Não temas; porque não te achará a mão de Saul, meu pai; porém tu reinarás sobre Israel, e eu serei contigo o segundo; e que também Saul, meu pai, bem sabe.”

Mais tarde, vemos a bondade de David para com o filho de Jónatas, Mefibosete, que está narrada em II Samuel 9:7: “Então lhe disse David: Não temas, porque decerto usarei contigo de benevolência por amor de Jónatas, teu pai, e te restituirei todas as terras de Saul, teu Pai; e tu comerás sempre à minha mesa.”

Encontrámos na *Internet* um artigo assinado pela Universidade Me-

Esta amizade entre Rentfro e Moreton, (...) demonstra que as amizades perante determinadas circunstâncias se desfazem por questões de interesse.

todista de São Paulo na sua Pastoral Universitária, com o título “Amizades para a vida”, baseado em I Samuel 18:1, que está em consonância com I Samuel 23:17. Diz, a determinada altura, o seguinte: “Mas amizades verdadeiras duram para sempre. (...) Amizades verdadeiras são para a vida.” E continua: “Difícilmente queremos abrir mão do nosso lugar de poder para alguém que seja mais capacitado do que nós, ainda que seja uma pessoa amiga. Por outro lado, o medo de perder o ‘nosso’ espaço de poder faz com que ergamos uma barreira de desconfiança e não permitamos que outras pessoas façam parte da nossa vida.” E a Pastoral termina da seguinte maneira: “Precisamos urgentemente redescobrir que a vida é construída de verdadeiras amizades e que, no final de contas, o trono, o nome, o *status* não são tão importantes assim. Há amizades que valem muito mais que tudo isso. Foi isso que Jónatas fez: Olhou para David e não para a ameaça que ele representaria ao seu trono, ao seu lugar de poder. E no final valeu a pena ter uma amizade tão leal e duradoura assim! Seja uma pessoa amiga de alguém e cultive a amizade para a vida.”

Robert H. Moreton, pai de um dos melhores amigos de Rentrfo, Roberto Moreton (filho), agrediu a Igreja Adventista do Sétimo Dia e os seus ensinos. Não sabemos ao certo se esta amizade continuou. Uma coisa é certa, a última referência a Moreton que aparece no Diário será de 16 de junho de 1907 com a expressão enigmática – “*Circunstance of Moreton*”.

No meu ponto de vista, este acontecimento está perfeitamente encaixado com os significados no *Novo Michaelis – Dicionário Ilustrado de 1973*, onde, entre muitos significados para “*Circunstance*”, encontramos estes: “Incidente, ocorrência, estado de coisas ou colocar em determinada situação.” O caro leitor que decida.

Gostaria de terminar este assunto com as indicações recolhidas no trabalho de Georg R. Knight – *Em Busca da Identidade – O Desenvolvimento das Doutrinas Adventistas do Sétimo Dia*, p. 31: “O movimento metodista teve importância especial para os Adventistas do Sétimo Dia porque a sua terceira fundadora, Ellen G. White, cresceu na Igreja Metodista Episcopal.” E, na p. 33, diz: “Ellen White trouxe as ênfases wesleyanas/metodistas sobre santificação e perfeição. Ela tinha a tendência de empregar a linguagem e os significados de Wesley (...)”

Estou convicto de que, se R. H. Moreton soubesse quem era na realidade Ellen G. White, teria mais cuidado com o que escreveu nos seus artigos publicados no Jornal da Igreja Lusitana – *Luz e Verdade*.

Talvez mudasse de ideias se tivesse sabido que, no dia do funeral de Ellen G. White, em 16 de julho de 1915, de acordo com o irmão de Dudley Canright, este ficou “em pé ao lado do esquife da Senhora White, com uma mão apoiada no meu braço e outra no caixão. Com lágrimas correndo pelo rosto, disse: ‘Morreu uma nobre cristã’” (B. J. Canright ao Pastor Wight, 24 de fevereiro de 1931).

Para fazer pensar!



ESPAÇO JUVENIL

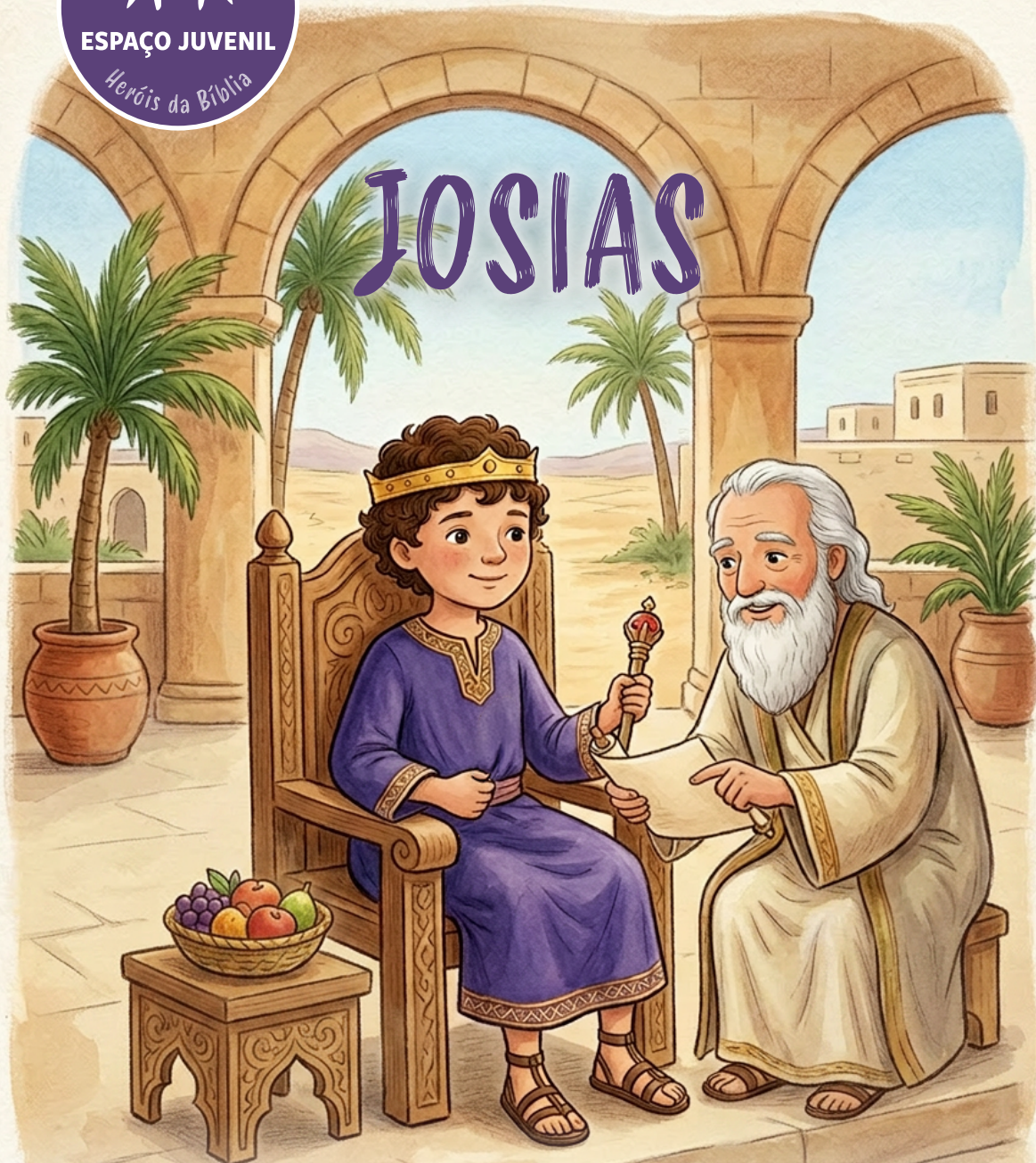
Heróis da Bíblia



Conceição Teles

*Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança*

JOSIAS



O rei que teve coragem
de fazer o que é certo.

**“Nem antes nem depois de Josias houve um rei como ele, que se voltasse para o Senhor com todo o coração”
(II Reis 23:25).**

Olá, amiguinho!

Eu sou o Josias e hoje quero contar-te a minha história. Talvez penses que, por ter sido rei, a minha vida foi fácil... mas não foi.

Eu nasci numa família complicada. O meu pai chamava-se Amom e o meu avô Manassés. Eles afastaram-se de Deus e adoraram ídolos.

Mas sabes uma coisa? Mesmo quando alguém da nossa família faz escolhas erradas... nós podemos escolher seguir Deus!

Aprendi cedo algo muito importante: **Seguir Deus exige coragem, sobretudo quando quase todos fazem o contrário.**

Eu tinha apenas oito anos quando me tornei rei. Sim... oito anos! Talvez a tua idade.

Era muito novo, mas decidi no meu coração que queria amar Deus e obedecer-Lhe.

À medida que fui crescendo, procurei conhecer Deus cada vez mais. E ajudei o povo a voltar para o Senhor. Também percebi que o templo de Deus estava danificado e abandonado. Por isso, mandei repará-lo.

Mas aconteceu algo inesperado!

Enquanto trabalhavam no templo, o sacerdote Hilquias encontrou um livro muito especial, que estava perdido há muitos anos.

Sabes qual era?

O Livro da Lei!

Quando me leram aquelas palavras, fiquei muito triste. Percebi que o povo tinha deixado de obedecer a Deus e que as suas escolhas erradas tinham trazido sofrimento.

Então humilhei-me diante do Senhor. Chorei. Fiquei tão preocupado com o afastamento do povo que rasguei as minhas vestes e pedi perdão a Deus.

Depois procurei ouvir o conselho da profetisa Hulda, porque queria saber a vontade do Senhor. Sim, porque mesmo sendo rei, compreendi que precisava de aprender e ouvir os outros.

E decidi ajudar todo o povo a voltar para Deus.

Mandei destruir os ídolos. O templo foi limpo e reparado. Voltámos a ensinar a Palavra de Deus ao povo. E celebrámos uma Páscoa muito especial, como há muito tempo não acontecia!

E foi então que aprendi uma lição que nunca esqueci: **Quando descobrimos que estamos errados, Deus dá-nos sempre oportunidade para mudar.**

E sabes uma coisa incrível?

Três séculos – cerca de 300 anos – antes de eu nascer, Deus já sabia o meu nome!

Muito antes do meu nascimento, foi anunciado: “Eis que um filho nascerá à casa de David, cujo nome será Josias...” (I Reis 13:2).

Isto ensinou-me algo muito especial: **Deus conhece-nos e tem um plano para a nossa vida, mesmo antes de pensarmos nele.**

E descobri também que **nunca somos demasiado novos para fazer a diferença quando escolhemos andar com Deus.**

Quando entregamos a nossa vida a Deus, Ele pode fazer através de nós coisas muito maiores do que imaginamos.





O que aprendi com a história de Josias

- Deus conhece-nos e tem um plano para a nossa vida.
- Nunca somos demasiado novos para amar e servir Deus.
- Ler a Bíblia ajuda-nos a saber o que é certo.
- Seguir Deus exige coragem.
- Podemos escolher fazer o bem, mesmo quando os outros fazem o contrário.
- Quando erramos, Deus ajuda-nos a mudar.
- Deus pode usar crianças e jovens para fazer coisas importantes.

Queres ser como Josias?

- Ama Deus com todo o teu coração.
- Reserva tempo para ler a Bíblia todos os dias.
- Escolhe fazer o que é certo.
- Pede a Deus um coração obediente.
- Tem coragem para mudar quando percebes que algo está errado.
- Ouve os conselhos de pessoas que amam Deus.
- Lembra-te: Deus pode usar-te agora, mesmo sendo tu criança ou jovem.

Desafio: “À Procura do Livro Perdido”

- Desenha uma Bíblia aberta.
- Escreve: “A Palavra de Deus guia-me.”
- À volta escreve: “Orar”, “Obedecer”, “Amar”, “Ser Corajoso”.
- Desenha Josias a ouvir a leitura da Bíblia.
- Pensa: O que Deus quer mudar em mim?

Aponta o telemóvel e
descobre as surpresas
preparadas para ti:



[recursos.adventistas.org.pt/criancas/
documentos/espaco-juvenil-herois-da-
biblia-junho-2026/](https://recursos.adventistas.org.pt/criancas/documentos/espaco-juvenil-herois-da-biblia-junho-2026/)

Como está a saúde adventista em Portugal?



— Rúben Nóbrega

Diretor do Departamento de Saúde e Temperança da UPASD

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), desde o seu início, desenvolveu o ministério da saúde, de modo que este pudesse ser parte integrante do que vamos denominar de “Evangélio completo” de Jesus Cristo.

Este Evangelho foi-nos formalmente descrito e apresentado pelas seguintes palavras:

“O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados de coração, A apregoar liberdade aos cativos, e dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor” (Lucas 4:18 e 19).

Na mente de Cristo as palavras de Isaías¹ incorporam, de forma completa, a Sua missão e, por consequência do nosso discipulado, também a nossa missão.

Assim, somos convidados, em comunhão com o Espírito Santo, a trabalhar no sentido de restaurar o ser humano em todas as suas dimensões:

Na área social, intervindo junto dos que têm necessidades, “os pobres”;

Na área mental, possibilitando a “cura dos quebrantados de coração” através de conhecimento e apoio;

Na área espiritual, conduzindo os “oprimidos e cativos” à liberdade que Jesus oferece, aumentando a esperança e a alegria de viver;

E, na área física, tratando os “cegos” de maneira que eles possam ser restaurados.

Portanto, o Departamento de Saúde e Temperança (DST), consciente da importância do “Evangélio completo” de Jesus, percebe que todas as áreas são importantes e que se correlacionam entre si.

“Como melhorar um problema de colesterol alto, se os recursos financeiros não são adequados a uma boa alimentação? Como ter saúde mental, sem uma adequada saúde espiritual?”

Estas são perguntas difíceis de responder e articular de forma global, na dinâmica atual em que vivemos (até eclesiasticamente), compartimentados em departamentos e serviços, comparimentando até, por vezes, o indivíduo.

Para adequar a nossa ação a esta difícil correlação, a interdepartamentalidade foi o conceito que nos permitiu, muitas vezes, alcançar este propósito. Ficamos gratos pela visão que a administração da IASD em Portugal tem, pois ajudou-nos a cumprir melhor o chamado de Jesus.

Eis algumas das ações que são exemplo disso:

Feira de Serviços em Lisboa, na qual articulámos uma Expo-Saúde e uma Expo-Kid, com a ADRA e a Juventude Adventista (JA);

Jornadas para Profissionais de Saúde, em colaboração com o Departamento de Educação (Colégio Adventista de Oliveira do Douro, Colégio Adventista de Setúbal, Externato Adventista do Funchal), possibilitando a participação de toda a comunidade escolar e dos seus vizinhos;

A realização de *workshops* nos Acampamentos Nacionais da JA (temas: Sexualidade, dependências, abuso, etc.) e vários rastreios realizados pelos jovens no Impacto;

Workshops de saúde disponíveis para os beneficiários da ADRA;

Expo-Saúdes realizadas por jovens, com o apoio do Departamento de Educação (os alunos e professores do CAOD convidaram alunos e professores de outras escolas a participarem numa Expo-Kid);

Espaços de negócios nas áreas da saúde e do estilo de vida (Rede *NEWSTART*), interligados com áreas distintas da ação principal. Exemplos: Restaurante oferecendo *workshop* de saúde mental e espaço de fisioterapia oferecendo *workshop* de culinária saudável;

Acampamento de Famílias *NEWSTART*, em parceria com o Departamento de Famílias;

FIT8, Congresso da JA para jovens sobre os oito remédios naturais.

Para podermos chegar a este nível de relação entre os Departamentos,



Encontro de Agricultores



Jornadas da Saúde no Externato Adventista do Funchal



Expo Saúde e Expo Kid (JA), na Feira da Saúde de Benavente



Projeto educativo de saúde no CAOD, Expo KID realizada pelos alunos e professores para as escolas do conselho



Encontro da Rede *NEWSTART*

muito foi feito a nível da formação e da planificação.

Na planificação, no início de cada ano, as questões foram debatidas com os demais Departamentos, Serviços, parceiros e equipa interna.

A nível da formação, a sensibilização e a capacitação foram constantes e para todos. O Departamento desenvolveu, anualmente, formação para os casais pastorais nas áreas da saúde e da família (parceria com o Departamento de Família e com o Ministerial da IASD), e para outros formadores leigos facultou formações em áreas essenciais, tais como: Cessação tabágica, medicinas alternativas, sexualidade, saúde mental, parentalidade saudável, empreendedorismo na área da saúde, culinária, exercício físico, etc..

Na implementação, atuamos a dois níveis, local e nacionalmente, como se pode ver no diagrama abaixo.

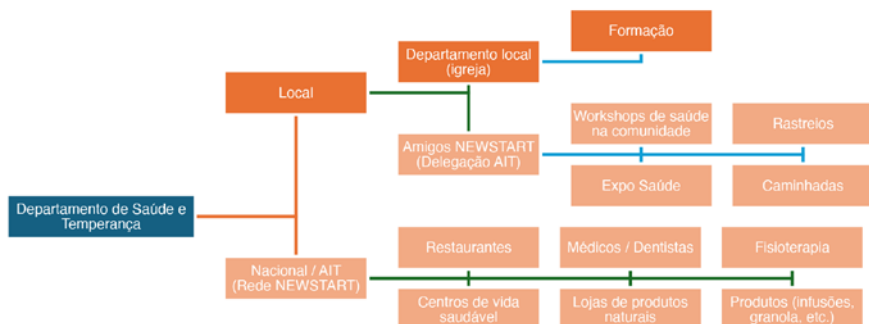
A nível local, através do DST local, foram realizadas várias formações, sermões e atividades para amigos e familiares. Com elas pretendemos motivar a igreja a envolver-se no ministério da saúde e a envolver-se em trabalho útil nas suas comunidades.

Localmente, a ação externa junto das diferentes comunidades realiza-se

através das delegações locais da Associação Internacional de Temperança (AIT), as quais têm realizado diferentes atividades em parceria com as entidades locais. Adequando as propostas de atividade às necessidades sentidas, as delegações têm realizado Planos para Deixar de Fumar, Expo-Saúdes, Expo-Kids, rastreios, *workshops* com profissionais de saúde, caminhadas, participação em feiras da juventude e da saúde, visitas a lares e a casas abrigo, entre outras atividades.

Para além do trabalho junto das igrejas e dos voluntários da AIT, desenvolvemos uma rede de apoio a negócios na área da saúde (de membros leigos) – a Rede *NEWSTART* – a qual facilita que cada membro seja um centro de influência eficaz, tendo também cada membro acesso a formação interna e a apoios vários (publicidade, gestão de clientes para eventos, materiais de apoio, etc.). No centro de vida saudável *Vita Salus*, foram realizados vários programas de saúde em colaboração, como o *Revive* (ansiedade e desânimo) e o *Restaura*.

Pelos diferentes membros desta rede, já passaram milhares de pessoas, em contacto com os seus serviços prestados e produtos produzidos





Caminhada no ACNAC de Famílias - NEWSTART



Produto NEWSTART / Infusões do Herbas



Produto NEWSTART / Granola da Eden
(Centro de Vida Saudável - Vita Salus)

(www.newstart.pt / @newstart.pt). Cada membro da rede partilha a esperança e o propósito do “Evangelho completo” de Jesus Cristo, como referimos acima, partilhando com os seus clientes e parceiros um estilo de vida saudável e completo em todas as suas dimensões.

Nestes últimos quatro anos de atividade, foram mais de 14 000 pessoas atendidas nas suas diversas necessidades, através das “mãos” de cerca de 2500 voluntários.

O Departamento, a nível nacional, também tem dinamizado as Jornadas de Saúde Adventistas, sempre em locais diferentes e com temas distintos, destinadas a capacitar e a motivar os profissionais de saúde adventistas, bem como todos aqueles que se interessam pela área da saúde e desejam aprender mais, como amigos, pais, professores, empregados das nossas instituições, etc..

Nos últimos anos, devido ao crescente aumento do interesse na área da agricultura, temos também realizado o Encontro de Agricultores Adventistas, que tem sido um completo sucesso pelo número de pessoas presentes e pelos temas abordados.

Muito o Senhor nos tem ajudado a cumprir e a realizar, e muito ainda temos para continuar a sonhar.

Precisamos continuar a trabalhar de forma a ter os nossos materiais traduzidos e adaptados para as novas comunidades de imigrantes em Portugal, bem como promover a criação de materiais adaptados aos jovens na área da saúde e do estilo de vida saudável.

Que o Senhor nos abençoe como um povo que se mistura com as pessoas, atende às suas necessidades como alguém que lhes deseja o bem, com simpatia e ganhando a sua confiança, de forma a estender o convite – sigam Jesus Cristo.²

A todos os que têm trabalhado e se têm envolvido com o “Evangelho completo” de Jesus, desejamos o mesmo que o discípulo João: “Amados, desejamos que tudo esteja bem com vocês em todas as coisas, e que tenham saúde, assim como esteja bem a vossa alma.”³

¹
Isaías 61:1 e 2.

²
Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, ed. P. SerVir, 2015, p. 94.

³
III João 1:2.



Quem está no centro?

Em muitos lares, a sala é o lugar mais central da casa. Tipicamente numa sala os sofás são dispostos na direção de um grande ecrã, que, por vezes, nem é aquele que recebe mais atenção, dada a concorrência dos pequenos ecrãs. De qualquer forma, pelo menos fisicamente, a impressão que se tem é que esse aparelho eletrónico é quem está no centro do nosso lar. É possível que o ecrã em causa até seja usado maioritariamente para ver bons conteúdos, como aqueles que a *Novo Tempo* transmite, mas também é possível que não seja o caso. A grande questão, entretanto, é: Quem está no centro das nossas atenções no lar? Quando o povo de Israel se acampava na sua peregrinação pelo deserto, as tribos eram dispostas de tal forma que, no centro

delas, estava o santuário. É possível que já tenhamos visto um desenho com essa disposição. A mensagem é clara: Deus deve ser o centro da nossa vida, deve ser o centro do nosso lar!

É possível que, na mente dos filhos de Coré, esta figura geográfica da centralidade de Deus no êxodo os tenha inspirado a escrever o Salmo 48. Para eles, o monte Sião, cidade de Deus e montanha da Sua santidade, é agora esse centro. Os quatro pontos cardeais são mencionados nos versículos 2, 7, 10 e 13.

O Norte é o primeiro a ser mencionado (v. 2). A palavra hebraica para “Norte”, “*tsafon*”, é uma referência ao “Monte Tsafon”, algures na fronteira entre a Síria e a Turquia. Era considerado na mitologia cananeia a morada do deus Baal. Em contraposição a ele, o salmista afirma que a habitação do verdadeiro Deus é o monte Sião. Encontramos neste ponto cardinal uma referência à idolatria que tende a afastar-nos d’Aquele que deve ser o nosso foco.



O Leste ou o Oriente é mencionado a seguir no versículo 7. Com o vento oriental, o inimigo foi vencido. Do Oriente vem o livramento, vem o Messias, vem a salvação. Pela porta oriental de Jerusalém entrou Jesus na sua entrada triunfal, em conformidade com a crença judaica de que assim se daria a chegada do Messias. A esta experiência de salvação e comunhão podíamos associar a experiência que Deus quer ter com cada um de nós, com a Sua Igreja. É interessante que a vida de um casal seja utilizada como uma analogia dessa relação salvífica (Efésios 5:22 e 33).

Depois encontramos uma referência ao Sul no versículo 10. Na realidade, o texto fala da mão direita. A palavra “direita”, *yamin* em hebraico, é usada muitas vezes para designar o Sul, assumindo que alguém está virado para o Leste. Por outro lado, temos compreendido a mão direita como um símbolo do trabalho (Apocalipse 13:16). De um trabalhador sem habilidade, uma metáfora popular diz que é como alguém com duas mãos esquerdas.

Finalmente, o Ocidente ou o Oeste é referido no versículo 13, através da expressão “geração atrás”, porque a palavra “atrás” ou “retaguarda” (*a-hóhr*) é usada para indicar esse ponto cardinal. Dado que, para os Hebreus, a orientação geográfica era baseada no nascer do sol, voltados para o Oriente, o Ocidente ficava naturalmente nas suas costas. E aqui, aqueles que vêm atrás de nós, são explicitamente indicados como sendo os nossos filhos.

Encontrados e definidos os quatro pontos cardinais, que mensagem

poderíamos daqui tirar para as nossas famílias?

Deus deve, indiscutivelmente, ser o **centro** da nossa família, da nossa vida. O nosso lar deve ser um Monte Sião. Deus deve habitar entre nós!

Se assim for, essa experiência irá manifestar-se em primeiro lugar na vida do marido e da esposa. Ele será um marido amoroso e pronto a sacrificar-se, como foi Jesus, e ela será respeitosa. No lar reinará o amor e a ordem, a harmonia e a paz. Viver-se-á a experiência da salvação prefigurada com o **Oriente**.

É preciso, contudo, ter toda a atenção para não perder o **Norte**, para não ficarmos desorientados, por alguma forma de idolatria. Qualquer coisa que concorre com Jesus, na Sua posição de provedor das nossas necessidades, pode tornar-se uma forma de idolatria.

É igualmente preciso todo o cuidado com o **Sul**, com o trabalho e os cuidados da vida, que podem asfixiar a experiência religiosa de um lar (Mateus 13:22). Aplica-se bem aqui a repetida orientação bíblica para não nos desviarmos para a direita, nem para a esquerda (Josué 1:7; Provérbios 4:25-27 e Isaías 30:21). Devemos manter o foco na salvação e não permitirmos que os assuntos do dia a dia ou as tentações nos desviem dela.

Se assim for, os nossos filhos, aqueles que vem atrás de nós, do **Ocidente**, terão uma maior possibilidade de seguirem o mesmo caminho. Que alegria será um dia dizer: “Eis-me aqui, Senhor, com os filhos que me deste” (Isaías 8:18).



A Igreja Adventista do Sétimo Dia estabelece novo grupo em Ourém

Pr. Ezequiel Quintino
7 de abril de 2026



A tarde de Sábado, 28 de fevereiro de 2026, foi de alegria e de festa espiritual. Mais de seis dezenas de irmãos e amigos reuniram-se em pleno centro da cidade, no lugar onde funcionará a nova sala de culto do Grupo da IASD em Ourém. O motivo era a constituição oficial do Grupo e a dedicação do local – como uma luz do Evangelho para atrair pessoas para Cristo.

O Pastor Carlos Batista, responsável pelo distrito pastoral (igrejas de Abrantes, Entroncamento, Tomar e grupo de Alcaneira), deu as boas-vindas ao Pastor José Lagoa, Presidente da UPASD, ao Dr. Daniel Simões, Tesoureiro da UPASD, ao Pastor Joaquim Nogueira, Diretor da Região Centro da IASD, e a todos os demais irmãos e visitas presentes.

Depois de cantado o hino nº 219, *Da Igreja o Fundamento*, e após a oração, o Pastor Carlos Batista apresentou os agradecimentos pelo apoio imprescindível da União e também agradeceu aos responsáveis da coordenação das obras e a todos os voluntários que se esforçaram para que esse momento fosse possível, dando graças a Deus por todo o trabalho realizado.

O sermão de Dedicção foi apresentado pelo Pastor José Lagoa, com base no texto de Atos 18:9 e 10, cuja frase-chave – *“Tenho muito povo nesta cidade”* – é um autêntico desafio e incentivo para a missão. Seguiu-se uma cerimónia de alegria espiritual com o primeiro batismo em Ourém, da irmã Valeska Coutinho, que confirmou o seu testemunho pessoal por Jesus. O Pastor Carlos Batista realizou o batismo.

Com toda a congregação de pé, procedeu-se depois ao Ato de Dedicção da sala de culto, com a leitura responsiva conduzida pelo Dr. Daniel Simões e respondida pela congregação, seguindo-se a oração de dedicação pelo Pastor José Lagoa. Os serviços concluíram com o hino nº 224, *Mensagem ao Mundo*, e com a oração final realizada pelo Pastor Ezequiel Quintino. Seguiram-se momentos de convívio fraterno, alegria nos corações e ação de graças pela formação de mais um Grupo de crentes a nível nacional, continuando o esforço de crescimento da Igreja Adventista em Portugal. Louvado seja Deus!

Páscoa no LAPI: Uma viagem pelo Plano da Redenção

Bruno Silva | Diretor da ASA



No passado dia 12 de abril, o LAPI Norte viveu um programa especial de Páscoa que



tocou todos os presentes, ao proporcionar uma envolvente recriação da história da Humanidade à luz do plano divino de salvação.

O evento destacou-se pela sua abordagem criativa e espiritual, conduzindo os presentes desde a Criação, passando pela entrada do pecado, até ao culminar do Plano de Redenção: A morte e ressurreição de Cristo, apresentada como a verdadeira essência da Páscoa. Cada momento foi cuidadosamente preparado, permitindo aos participantes refletirem sobre o amor sacrificial de Jesus e o significado profundo da esperança cristã.

A programação contou com a participação especial da ADRA de Avintes, cuja presença reforçou a dimensão prática do Evangelho: Servir o próximo com amor. Em consonância com este espírito solidário, foi promovida uma recolha de bens alimentares não perecíveis, envolvendo a comunidade e incentivando gestos de partilha e cuidado.

Ao longo do programa, vários grupos musicais enriqueceram a experiência com momentos de louvor e adoração, trazendo cor, emoção e sentido a cada fase apresentada. A música desempenhou um papel fundamental, ajudando a transmitir a mensagem central da redenção de forma inspiradora e acessível.

No LAPI Centro, foi possível também fazer um programa que contou com a presença de idosos do centro de dia e de alguns colaboradores.

Além da mensagem espiritual a respeito da época celebrada, os idosos participaram com poemas feitos por si que refletiam o sentido da Páscoa.

Mais do que uma simples apresentação, esta iniciativa foi um verdadeiro testemunho de fé e criatividade, deixando marcas em todos os que participaram. O LAPI demonstrou, mais uma vez, o seu compromisso em

comunicar o Evangelho de forma relevante e envolvente, apontando para Cristo como o centro da nossa esperança — a nossa verdadeira Páscoa.

Inauguração do Núcleo de Desbravadores de Valença do Minho

Helder Ferreira | IASD de Valença do Minho
25 de março de 2026



O dia 21 de março foi um sábado muito especial para a recém-nascida Igreja Adventista do Sétimo Dia de Valença do Minho.

Alegria, emoção e entusiasmo reinarão nos corações de todos os membros na inauguração oficial do seu Núcleo de Desbravadores. Este sonho acalentado há muito, finalmente concretizou-se neste Dia Global da Juventude Adventista, com a celebração de uma Santa Ceia a terminar a SOJA.

No verdadeiro espírito de Desbravador, realizou-se um *peddy-paper* evangelístico na Fortaleza de Valença, da parte da tarde. No percurso, as equipas foram interagindo com a comunidade local, realizando alguns desafios e partilhando a mensagem do Evangelho.

A atividade terminou com a ordem unida e o entoar do Hino dos Desbravadores na praça, seguindo-se um lanche convívio na igreja. Agradecemos a Deus pelas Suas maravilhosas bênçãos e cremos que, com a Sua ajuda, o Núcleo de Valença do Minho vai cumprir a sua missão: “Levar a Mensagem do Advento a todo o Mundo nesta Geração.”



Novidade!



12€

Histórias reais de milagres modernos e transformação profunda.
Descubra como viver uma vida guiada pelo Espírito Santo.



AUTOR:
Pavel Goia

Compre aqui:



PUBLICADORA SERVIR

COMPRE EM WWW.PSERVIR.PT

☎ 21 962 62 00

✉ CLIENTES@PSERVIR.PT

📞 +351 925 896 870



@PSERVIR